

10 • TRIMESTRAL • OUT • 2005

REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RUA LARGA

• U • C •



PROPRIEDADE: U n i v e r s i d a d e d e C o i m b r a
DIRECTOR: F e r n a n d o S e a b r a S a n t o s
DIRECTOR-ADJUNTO: J o ã o G o u v e i a M o n t e i r o
EDITORIA: C l a r a A l m e i d a S a n t o s
DESIGN: A n t ó n i o B a r r o s
FOTOGRAFIA: J o ã o A r m a n d o R i b e i r o
INFOGRAFIA: P e d r o M i g u e l D u a r t e • E S T Í M U L U S [d e s i g n]
PRODUÇÃO: I s a b e l T e r r a, L í g i a F e r r e i r a • T e l. 2 3 9 8 5 9 8 1 4
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA: I l í d i o B a r b o s a P e r e i r a
COORD. DO CADERNO TEMÁTICO: P r o - R e i t o r i a p a r a a C u l t u r a d a U C
EDIÇÃO: G C I • I d e n t i d a d e V i s u a l e E d i ç õ e s
Rua Antero de Quental, 195 • 3000-033 Coimbra
IMPRESSÃO: G.C. – G r á f i c a d e C o i m b r a, L d a. • T I R A G E M : 3 0 0 0 e x.
POSTOS DE VENDA: L i v r a r i a s A l m e d i n a (r e d e n a c i o n a l) , B e r t r a n d , Q u a r t e t o e X M
ISSN: 1 6 4 5 - 7 6 5 x • A n o t a d o n o I C S

w w w . u c . p t / r u a l a r g a

S U M Á R I O

4 • A pré-temporada e o regresso às aulas • Fernando Seabra Santos

REITORIA EM MOVIMENTO

6 • A missão de serviço público da UC • A. Gomes Martins

8 • Da centralidade dos serviços à centralidade das pessoas • Margarida Mano

OFICINA DOS SABERES

A c t u a l

12 • VII Reunião Internacional de Camonistas

14 • Curso Livre de Estudos Orientais

15 • Colóquio Identidade e Cidadania • Fernando Catroga e Maria Manuela Tavares Ribeiro

16 • Museus e Arquitectura de Berlim • José Amado Mendes

I m p r e s s õ e s

19 • Evocação de Eugénio de Andrade • Cristina Mello

21 • Breves traços sobre Paul Ricoeur • Maria Luísa Portocarrero

23 • *O Raio de Luz Catholica* • Yann Loïc Macedo de Morais Araújo

24 • A Medicina pintada a fresco • Marco Daniel Duarte

B r e v e s

R i b a l t a

29 • Secção de Jornalismo da AAC

30 • Quantunna – a tuna mista de Coimbra

32 • Coro da Capela da UC

33 • Associação de Estudantes São-tomenses em Coimbra

C i ê n c i a R e f l e c t i d a

34 • Evolução humana e consciência • Paulo Gama Mota

A O L A R G O

[Dossiê] Espaço das Artes em Coimbra

39 • Alguns espaços teatrais em Coimbra: do séc. XIX aos nossos dias • Isabel Nogueira

41 • O Cineclubismo em Coimbra (1945-1952) • Paulo Granja

43 • Coimbra e as Artes Plásticas • Telo de Morais

46 • (N)o Centro do Jazz • Rui Paulo Simões

49 • [Entrevista] • Viagem pelo mundo à boleia com Jorge Veiga

V i s i t a G u i a d a

54 • O mundo à procura de Ruben A.

C r ó n i c a

62 • Certas Palavras • João Paulo Moreira

R e t r a t o d e C o r p o I n t e i r o

64 • Boaventura de Sousa Santos: Colecção em forma de cruz

C r i a ç ã o L i t e r á r i a

69 • Alfabeto/B, a, ba • Ângela Canez

69 • A Guerra/Guerra • Liliana Vasquez

69 • [sem título] • Conceição Riachos

O L u g a r d o s L i v r o s

A g e n d a

Capa e P. 37, 38: Fotos de João Armando Ribeiro [JAR], leitura sobre *Longer Journeys*, 2004, escultura de Pedro Cabrita Reis, *Centro de Artes Visuais*, Coimbra

P. 45: Foto de JAR sobre a obra de Giovanni Alselmo *Entrare nell'opera*, 1971, colecção: Fundação de Serralves, Museu de Arte Contemporânea do Porto. Exposição: "Arte Pobre", 2005, *Pavilhão Portugal Centro*, Coimbra.

A PRÉ-TEMPORADA E O REGRESSO ÀS AULAS

FERNANDO SEABRA SANTOS*

Pela importância que assume para muitas famílias portuguesas e pelo interesse que desperta como factor de mobilização de toda a comunidade universitária, o regresso às aulas é o incontornável objecto do Editorial da edição de Outubro da *Rua Larga*. Nesta mesma época se comentam os números, ainda frescos, das vagas declaradas e preenchidas por cada curso e por cada estabelecimento, dando-nos uma ideia precisa das circunstâncias que determinarão o funcionamento do novo ano lectivo, que no caso presente não se antevê fácil.

É importante reflectir sobre a forma como têm evoluído, ao longo dos últimos anos, os preparativos de pré-temporada em clima de evidente diminuição da procura. As tentativas de melhor posicionamento para o tiro de partida, as cotoveladas, os anúncios tantas vezes milionários com conteúdos tantas vezes enganadores. Mentos brilhantes? Minto! Ainda haverá quem pense que a concorrência entre universidades pode compensar a inexistência de uma política nacional para o sector?

A tudo isto veio, este ano, juntar-se, no momento em que os jovens tomam as suas decisões e fazem as suas escolhas, a polémica publicação de um novo *ranking* das universidades elaborado numa base duplamente enganosa: porque partiu de dados falsos e porque utilizou uma metodologia incorrecta. Do tratamento apressado e incompetente de indicadores mal construídos, feito por comentaristas que, com o futebol no defeso, descobrem súbita vocação para questões universitárias, logo resultaram notícias de caixa alta a garantir a venda de papel. Até houve quem afirmasse que as universidades têm receio de ser avaliadas.

Num ambiente negativamente marcado por cortes orçamentais sem precedentes, que limitarão a capacidade de afirmação da Universidade portuguesa como elemento nuclear de uma nova política de incentivo à inovação e exigirão de todos nós mais imaginação e mais eficiência, é importante chamar a atenção para uma decisão que pode indiciar uma mudança de atitude do Governo e, talvez, a introdução de alguma seriedade no sistema: a entrada em vigor de uma nota mínima de acesso ao ensino superior. É preciso agora trabalhar na racionalização da oferta educativa, reduzindo drasticamente as designações das licenciaturas existentes e definindo as vias de acesso para cada uma. É um trabalho ao qual o CRUP tem dedicado muita atenção.

Entretanto, os resultados dos concursos de acesso mantêm a Universidade de Coimbra numa boa posição. Pelo segundo ano consecutivo, estamos no grupo das três universidades que preenchem uma maior percentagem de vagas na primeira fase de colocações. Depois de completado o processo de matrículas, este ano reformulado para corresponder às expectativas dos novos alunos, simplificando procedimentos e adoptando uma postura de aproximação ao utente que deve ser um objectivo de qualquer administração pública moderna, um contingente de cerca de 3000 estudantes entrará, pela primeira vez, na Universidade de Coimbra. Para eles vão os nossos pensamentos e os nossos esforços. Tudo faremos para que esta seja mais uma geração de sucesso.

* Reitor da Universidade de Coimbra



reitoria em movimento

A MISSÃO DE SERVIÇO PÚBLICO DA UC

Quando o Senado aprovou a proposta do Reitor para a constituição de um fundo de investimento, criou, por essa via, um conjunto de instrumentos de intervenção institucional que permitem a este órgão de governo, colegial e democrático, ter capacidade de iniciativa, em nome de toda a Universidade, em domínios muito diversos, visando, de uma forma geral, melhorar a qualidade do serviço público prestado pela Universidade. Em muitos casos, traduz-se em medidas e programas visando apoiar ou estimular os estudantes de forma directa. Noutros, de forma indirecta. Em todos, os destinatários são, em última análise, os estudantes, cujas famílias são hoje chamadas a contribuir mais significativamente para o financiamento dos estabelecimentos de ensino superior público do que no passado recente. Proponho aqui uma referência breve, quase apenas de recensão, a algumas das medidas mais directas e de concretização mais célere, pela sua própria natureza.

FUNDO DE APOIO SOCIAL

Na área social, o Senado, ao constituir o Fundo de Apoio Social no âmbito do fundo de investimento, criou condições para que possam receber uma bolsa, paga pela Universidade, os estudantes cujo rendimento familiar *per capita* os impede de beneficiar das bolsas pagas pelos Serviços de Acção Social, condicionadas por imperativos legais. O objectivo consiste em beneficiar as famílias dos estudantes que, naquelas circunstâncias, carecem mesmo assim de algum apoio financeiro para lhes garantirem a possibilidade de frequentarem a Universidade. Ao fazê-lo com receitas próprias (de propinas) da UC, o Senado assume um papel supletivo em relação à deficiente política social do Estado.

É garantido às famílias que tenham mais do que um membro a estudar na UC que apenas um não pagará a propina mínima definida por lei. Com esta medida, o Senado procura aliviar os encargos das famílias com mais do que um estudante. Este benefício é igualmente aplicado aos trabalhadores da UC que estejam a frequentar uma licenciatura na UC, estimulando assim

A. GOMES MARTINS *

o aumento da qualificação dos seus quadros não docentes.

MÉRITO, FORMAÇÃO DESPORTIVA, CULTURA E MOBILIDADE

O estímulo ao mérito e à qualidade do desempenho individual é concretizado, pela deliberação do Senado, através da concessão de bolsas de mérito aos 3 por cento melhores alunos de todos os cursos de licenciatura da UC.

Num outro plano, o da formação desportiva, o Senado viabilizou um conjunto de intervenções no Estádio Universitário (EU), de acordo com o plano de desenvolvimento do EU que o mesmo Senado aprovou também, sob proposta do Reitor. Estão em preparação projectos que permitirão lançar concursos de obras de reabilitação de algumas instalações degradadas, um plano geral de ordenamento do complexo desportivo, reabilitações de alguns espaços no curto prazo e o lançamento de iniciativas próprias do EU visando a promoção da prática desportiva.

No domínio cultural, o Senado reforçou também a capacidade de intervenção, permitindo alargar, quer a diversidade quer a amplitude das iniciativas, envolvendo um muito maior número de estruturas estudantis ligadas à dinamização cultural, entre outras parcerias.

A mobilidade estudantil foi apoiada pelo Senado, garantindo financiamento para um conjunto de projectos de estadia em universidades estrangeiras, nomeadamente também em regiões não cobertas pelo financiamento habitualmente concedido pela União Europeia.

FUNDO DE INVESTIMENTO POLIFACETADO

A preocupação em formar quadros para servir o desenvolvimento da sociedade não esgota a perspectiva da UC quanto ao papel que deve desempenhar junto dos que a frequenta(ra)m. Assim, o Senado atribuiu também financiamento a um projecto em parceria com o IEFP

que se destina a servir de interface entre a UC e os empregadores de licenciados, tirando o melhor partido da parceria com o instituto público dedicado ao fomento do emprego, numa acção que tem tido assinaláveis utilidade e notoriedade.

O fundo de investimento tem outras finalidades, não referidas aqui, visando estimular a investigação científica, a produção de meios bibliográficos de apoio ao ensino, a melhoria da qualidade pedagógica dos cursos, a adaptação ao modelo de Bolonha ou a construção e reabilitação de edifícios da UC. Ao aprovar a proposta do Reitor, o Senado assumiu um papel de real intervenor na definição de orientações que singularizam a UC no contexto das universidades públicas, num conjunto de domínios ligados à melhoria das condições de estudo e de trabalho, claramente evidenciando a assunção de responsabilidades na prestação de um serviço público de qualidade.

Convém não deixar de lembrar, no entanto, que há um conjunto de projectos e actividades financiados por out-

ras fontes, igualmente afectando toda a Universidade – os prémios que a Universidade de Coimbra atribui, as bolsas de mobilidade para a América Latina, o Gabinete de Apoio às Transferências do Saber, o projecto do Museu das Ciências, o Campus Virtual ou a gestão da qualidade, para mencionar apenas alguns mais conhecidos. Para estes concorrem financiamentos de proveniências diversas, uma grande parte de natureza privada, também apoios de financiamento por programas baseados em fundos estruturais, ou ainda participação das faculdades e da estrutura central. Assim, as actividades que têm sido lançadas beneficiam, em primeiro lugar, do prestígio da Universidade de Coimbra, e não poderiam ser concretizadas se a UC estivesse, passivamente, à espera apenas do orçamento público.

* Vice-Reitor para a Gestão Administrativa,
Financeira e de Recursos Humanos



Os contornos das universidades públicas portuguesas e a relação que durante muito tempo estabeleceram com um Estado fortemente interventor, controlador e inibidor, incentivou a sobrevivência de estruturas de serviço arcaicas, nomeadamente nas universidades mais antigas, com uma cultura sedimentada, por prática de décadas, em modelos fortemente administrativos, muito pouco técnicos e quase nada gestionários.

A filosofia dos serviços de suporte foi, durante muitos anos, fundamentalmente de reprodução do que era o entendimento das instituições respectivas acerca das estruturas administrativas centrais dos ministérios tutelares (Finanças e Educação). Neste sentido, os serviços de suporte podiam ser encarados enquanto estruturas de propagação de orientações de políticas públicas e de controlo de execução dessas políticas.

Só recentemente, a partir da autonomia, nem sempre efectiva, consagrada pela Lei de Autonomia das Universidades (Lei nº108/88, de 24 de Setembro) a necessidade de uma perspectiva gestionária, e não meramente administrativa, de correia de transmissão, começou a ser institucionalmente reconhecida como referência de um modelo estruturante da gestão dos serviços de suporte das universidades. Esta tendência corresponde em grande parte ao acréscimo de complexidade da gestão dos serviços universitários, na sequência da era da supercomplexidade da Universidade, como refere Barnett (2000)¹, com a decorrente necessidade de mudança qualitativa dos quadros dos serviços de suporte, a quem lentamente, e independentemente da carreira base, vai sendo solicitado um reforço de competências técnicas e gestionárias.

BUROCRACIA E ORIENTAÇÃO POLÍTICA

A relação distante entre os serviços das universidades e os serviços da tutela, potenciada por missões radical-

mente distintas entre as universidades e o Ministério, e a cujo equilíbrio sempre foi imprescindível o valor da autonomia universitária, essa relação distante, a par de um sistema de comunicação fundamentalmente formal, determinou um forte pendor da vertente de controlo e uma relativa fluidez da orientação política.

De facto, em termos de definição de políticas, as universidades sempre sentiram com maior clareza as orientações gerais da política orçamental, comuns a todos os organismos públicos tutelados pelo Ministério das Finanças, do que orientações de política educativa para o ensino superior, área onde a autonomia pedagógica e científica tem sido um valor firme.

Neste contexto, e tomando como referência o modelo de McNay, em T. Schuller (1996)², os serviços de suporte caracterizam-se tradicionalmente por uma forte cultura burocrática, com um elevado controlo e um grau reduzido de definição política. De certo modo, esta cultura surge como uma cultura dialéctica relativamente à cultura colegial (baixo controlo/reduzido grau de política) característica da vivência académica das universidades.

A co-existência destas duas subculturas determina, em grande parte, o aparecimento de zonas de sobreposição, com o assumir do modelo burocrático em algumas áreas académicas e vice-versa.

FLEXIBILIDADE NA ORGANIZAÇÃO

Nas universidades, como na maioria das organizações complexas, tem havido, do ponto de vista da cultura organizativa dos serviços de suporte, nos anos mais recentes, uma alteração significativa e veloz nos principais valores internamente assumidos: aumento da rotação de funcionários, valorização da flexibilidade e de novas competências, capacidade de interacção em equipa, etc. A mudança rápida e constante conduziu a um

¹ Ronald Barnett (2000), *Realizing the University in an age of supercomplexity*, SRHE-Open University Press.

² T. Schuller (1996), *The Changing University*, SRHE-Open University Press.

acréscimo significativo da instabilidade e quebrou com muitos dos valores e poderes sedimentados, decorrentes de rotinas históricas e isoladas de qualquer validação externa, que não a da tutela central.

Esta alteração cultural, no sentido da integração de valores da corporação de McNay na cultura burocrática, não faz desaparecer a tensão entre as duas forças opostas: a resistência surda da cultura pré-autonomia *versus* o ruído de uma mudança inevitavelmente constante e inacabada, na procura da melhoria.

Esta alteração cultural é acompanhada, em termos organizacionais, numa primeira fase, por uma crescente preocupação na análise e no estudo das questões de organização e métodos, e, num segundo momento, por uma perspectiva de valorização do desempenho da instituição, do seu capital humano e da validação da(s) sua(s) avaliação(ões).

Com o conhecimento informado e analítico dos processos, é possível adequar recursos e estabelecer níveis de serviços mínimos. A evolução da gestão neste âmbito pode ser inserida numa estratégia de progressiva rotação do ângulo de focagem da actividade administrativa e

procedimento → processo → cliente

Procedimento - isolado, dominado pelo *know-how* da rotina, cuja alteração se revelava muitas vezes ineficaz, face à sua desintegração do todo; para o

Processo - numa perspectiva de racionalizar e tornar eficiente um fluxo, com clareza e informação acerca dos procedimentos e das responsabilidades; e por último, para o

Cliente - onde a avaliação do processo, por uma (ou várias) entidade(s) beneficiária(s) do serviço, é (são) determinante(s) na medição e orientação de um conceito de 'eficácia' que é sempre relativo.

Em todo este processo de constante e inacabada mudança, o principal factor crítico de sucesso são as pessoas, partes envolvidas e cúmplices. A prestação do serviço, nesta perspectiva, é o resultado do compromisso e envolvimento de várias partes interessadas: utilizadores, gestores e colaboradores.

* Administradora da Universidade de Coimbra





A blurred office scene with people working at desks and a large overhead crane arm. The image is taken from a low angle, looking up at a large, silver, articulated crane arm that extends from the top right towards the center. In the background, two people are working at desks, their figures blurred due to motion. The room is bright, with large windows on the left and right. In the foreground, there are several wooden chairs and desks. On the right side, there is a computer monitor and a fan. The overall atmosphere is one of a busy, modern office environment.

oficina
Dos Saberes

VII REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS RETOMAR A TRADIÇÃO PARA PERPETUÁ-LA

Cumprindo as responsabilidades que lhe cabem na investigação, dinamização e difusão do conhecimento de Camões, decidiu o Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos retomar a sequência das reuniões internacionais de professores e investigadores que, um pouco por todo o mundo, se vêm consagrando ao estudo do poeta maior da Língua Portuguesa. Na boa tradição das reuniões anteriores, a VII Reunião Internacional de Camonistas visará primordialmente abrir um espaço de balanço e prospecção, tendo ao mesmo tempo em vista avaliar as aquisições mais recentes e proceder ao levantamento crítico de novas orientações num domínio que, apesar de todos os movimentos de reconversão metodológica e teórica, continua a ocupar lugar central nas culturas e literaturas de expressão portuguesa.

DIMENSÕES DO ENCONTRO

Nesta perspectiva, e tendo já como objectivo a necessidade de conferir a estes encontros um ritmo mais regular, pretendemos considerar agora apenas três aspectos essenciais: edição de textos, sentidos da obra, Camões na cultura dos países de Língua Portuguesa.

No que respeita à primeira secção, estarão em causa, não apenas o problema das edições críticas, mas também as principais dificuldades inerentes a outros tipos de publicações, tanto as que se destinam ao grande público como as que se dirigem aos alunos dos diferentes graus de ensino.

A segunda secção, por sua vez, prevê um inventário crítico das principais orientações hermenêuticas que incidem sobre o texto camoniano (Lírico, Épico e Dramático), tentando desig-

nadamente determinar o que nelas existe de sequencial e de reconfigurador.

Finalmente, na terceira secção, debater-se-ão as questões que dizem directamente respeito à presença actual de Camões na cultura dos países de Língua Portuguesa, bem como às estratégias de reforço e reorientação dessa mesma presença nos contextos das políticas de educação e cultura adoptadas por cada um.

MODELO DE TRABALHO

A Reunião decorrerá entre 24 e 26 de Novembro de 2005.

As diferentes secções funcionarão de acordo com o modelo de mesa-redonda, em cada uma das quais intervirá um número restrito de investigadores convidados, que disporão de 20 minutos cada, seguindo-se o debate alargado, coordenado por um moderador qualificado, que deverá ainda elaborar um trabalho de síntese da respectiva sessão.

As Actas da Reunião, que deverão ser publicadas a curto prazo, para além das comunicações apresentadas, integrarão resumos comentados dos debates, que ficarão à responsabilidade dos moderadores. Poderão, além disso, recolher contributos de outros Camonistas, devendo os respectivos textos ser submetidos à aprovação e selecção da Comissão Científica, até ao termo dos trabalhos.

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos
ciec@ci.uc.pt

Presenças confirmadas • Américo da Costa Ramalho, Anibal Pinto de Castro, Carlos Ascenso André, Cleonice Berardinelli, Eduardo Lourenço, Evanildo Bechara, Fernando Gil, Gilberto Mendonça Telles, Gilda Santos, Giulia Lanciani, Giuseppe Tavani, Hélder Macedo, Hélio Alves, Isabel Almeida, José Augusto Cardoso Bernardes, José Carlos Seabra Pereira, Kennet Jackson, Leodegário Azevedo Filho, Luciana Stegagno-Picchio, Luís Oliveira e Silva, Manuel Ferro, Márcia Arruda Franco, Maria Aparecida Ribeiro, Maria do Céu Fraga, Maria Helena da Rocha Pereira, Maria Helena Ribeiro da Cunha, Maria Vitalina Leal de Matos, Micaela Ramón Moreira, Rita Marnoto, Tom Earle, Sebastião Tavares de Pinho, Vasco Graça Moura, Vítor Manuel de Aguiar e Silva

Comissão Científica da VII Reunião Internacional de Camonistas • Américo da Costa Ramalho, Anibal Pinto de Castro, Cleonice Berardinelli, Eduardo Lourenço, Giulia Lanciani, Giuseppe Tavani, Hélder Macedo, Leodegário Azevedo Filho, Luciana Stegagno-Picchio, Maria Helena da Rocha Pereira, Maria Helena Ribeiro da Cunha, Maria Vitalina Leal de Matos, Vítor Manuel de Aguiar e Silva

Comissão Executiva • Coordenação: Anibal Pinto de Castro, José Augusto Cardoso Bernardes, Rita Marnoto, Manuel Ferro, Albano António Cabral Figueiredo, Paulo Jorge da Silva Pereira

DAISY
de Luis de
2907
COM BR

ESTUDOS ORIENTAIS CURSO LIVRE ANUAL

Criar, de raiz, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, uma área de Estudos Orientais exigiu, em primeiro lugar, uma avaliação de forças junto dos potenciais interessados - docentes e estudantes - que levou ao desencadeamento de um processo que progressivamente vá definindo e estruturando matérias conducentes a um aprofundamento do universo em causa.

Assim, depois de consultados os diversos grupos da Faculdade, pareceu possível oferecer um conjunto de unidades a integrar em um curso livre que funcionasse como motor de arranque de todo o processo. Desejou-se que o conjunto dos módulos constituísse um núcleo articulado que, por isso mesmo, se apresentasse como oferta essencialmente destinada a motivar interessados em Estudos Orientais. As áreas que integram este projecto obedecem à preocupação de dotar os interessados de um conjunto de reflexões de carácter abrangente ou propedêutico, que os possam munir dos conhecimentos de base necessários a qualquer futura especialização. Com a criação projectada, a curto prazo, de um Centro de Línguas na Faculdade de Letras, em cujo âmbito irão funcionar unidades de línguas orientais, o curso de Estudos Orientais que propomos de imediato irá beneficiar da oferta paralela de uma competência linguística que o Centro poderá oferecer aos interessados nesta área.

MODELO DO CURSO

O curso funciona em modelo extensivo (ao longo de todo o ano lectivo), num horário pós-laboral (das 18h00 às 20h00, duas vezes por semana) num total de 80 horas assim repartidas:

Espaço e Tempo das Civilizações Orientais - 20h
 Oriente e Ocidente: História de um Diálogo Civilizacional - 20h
 Filosofia da Religião - 16h
 Poesia Persa - 24h

No âmbito das diversas disciplinas foi prevista a possibilidade de convites pontuais a especialistas a definir. No seu conjunto, as unidades propostas abarcam matérias de contextualização histórica e cultural, expressão literária e pensamento religioso e privilegiam o Próximo e Médio Oriente, como universo civilizacional em si e pelas relações a partir dele desenvolvidas com o contexto europeu.

Grupo de reflexão sobre Estudos Orientais
 (FLUC)

S í n t e s e p r o g r a m á t i c a

14

Espaço e Tempo das Civilizações Orientais:

Oriente e orientalismo no mundo contemporâneo: apontamentos para uma história e geografia cultural e política das civilizações orientais
 História e geografia: olhares cruzados • Culturas, vida social e domínio do espaço

As geografias dos Orientais - Um mundo diverso de espaços e culturas: os grandes conjuntos espaciais contemporâneos

A Ásia do sul como Oriente intermédio: o subcontinente indiano e seus rebordos • O Extremo Oriente: a China, o Japão e o sudeste asiático

As geografias dos Orientais

O próximo Oriente: o oriente árabe e iraniano • Do Magreb à Mesopotâmia: os povos árabes • A Ásia Menor e os turcos • O mundo persa

O Oriente e os desafios geopolíticos do mundo moderno: Tradição, revolução e globalização

A espacialidade das relações internacionais: do fim dos impérios continentais ao mundo islâmico do início do século XXI • Culturas e nível de desenvolvimento • Modernização e ocidentalização: entre a tradição e a renovação • As geopolíticas do mundo contemporâneo e o sistema mundial.

Oriente e Ocidente. História de um Diálogo Civilizacional:

Oriente e Ocidente na Alta Antiguidade • Gregos, Romanos e Orientais • Confrontos e Intercâmbios

Religião e Religiões:

Introdução: O Sagrado, o Mistério, Deus. As religiões místicas e as religiões proféticas • Hinduísmo • Budismo • Judaísmo • Cristianismo • Islamismo • Conclusão: a problemática do fundamentalismo religioso: raízes religiosas, históricas e sócio-políticas. O diálogo inter-religioso e suas condições

A poesia persa:

Onsorí, Farrokhi e Manutchehri (poetas líricos do século XI) • Khayyam (século XII) • Mowlavi (século XIII) • Hafezz (século XIV).

IDENTIDADE E CIDADANIA

TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO COLÓQUIO INTERNACIONAL

A identidade é condição necessária para que indivíduos, grupos e sociedades se situem no espaço e no tempo em relação a si mesmos e aos outros. Por isso, quando, mesmo que metaforicamente, se fala em “crises de identidade”, esse diagnóstico desperta logo conotações de cariz patológico. Ora, a crise tanto pode ser sinal de irreversível estertor, como anúncio de uma realidade nova. E, sabendo-se que, na sua raiz, ela é inseparável da ideia de crítica, a geminação de ambos os conceitos será caminho cientificamente profícuo para se debater o problema em correlação com este outro, seminal para a política moderna: a cidadania.

A necessidade existencial e social do espelho da identidade leva a que se acredite ser atemporal o que, num processo muitas vezes longo, é o resultado, consciente ou inconsciente, dos conflitos da história, realidade bem patente no estudo da génese das identidades políticas e, em particular, das nacionais. Sopesar esta questão será um ponto de vista útil para se compreender as construções/desconstruções que estão a ocorrer neste campo, seja em consequência do crescimento de tendências centrífugas, encarnadas pela globalização, seja de respos-

tas - reactivas, complementares, ou alternativas - que apelam para o seu reforço, alterações que se têm traduzido no aumento da dialéctica tensional entre cosmopolitismos, nacionalismos e regionalismos vários.

Se a exigência da cidadania surgiu na sequência da postulação dos direitos do homem como fundamento da ordem política moderna, consubstanciada no Estado-Nação, as mudanças em curso tornaram mais complexo o mundo de pertenças e afectividades do indivíduo-cidadão. Deste modo, importa discutir a actualidade e as possibilidades de concretização de um ideal que, umbilicalmente ligado ao de Nação, foi sonhado para um horizonte de consenso e de homogeneidade e que, hoje, tem de se confrontar com poderes que diversificam os mecanismos de legitimação, fazendo-o oscilar entre a nostalgia pela “liberdade dos antigos” e os novos desafios que se colocam ao exercício da “liberdade dos modernos”.

FERNANDO CATROGA E MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

Identidade e Cidadania

Auditório da Reitoria da UC • 22 e 23 de Novembro de 2005

Dia 22 • 09h30: SESSÃO DE ABERTURA • 10h00: CONFERÊNCIA DE ABERTURA pelo Prof. Doutor Agostinho Ramalho Marques Neto (Universidade de São Luís do Maranhão, Brasil) • 15h00: MESA-REDONDA sobre “Cidadanias”. Moderadora: Prof.^a Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro (Grupo de História da Faculdade de Letras da UC). Participantes: Prof.^a Doutora Anna Krasteva (Directora do Departamento de Ciência Política da Universidade Nova da Bulgária), Prof. Doutor Paul Allié (Universidade de Montpellier I, Director da revista *Pôle Sud*), Prof. Doutor George Contogeorgis (Departamento de Ciência Política da Universidade Panteion, Atenas) • 21h30: Recital de canto e piano na Biblioteca Joanina.

Dia 23 • 09h30: MESA-REDONDA sobre “Nacionalismos”. Moderador: Prof. Doutor Fernando Catroga (Grupo de História da Faculdade de Letras da UC). Participantes: Prof. Doutor José Álvarez Junco (Faculdade de Ciências Políticas e Sociologia da Universidade de Madrid), Prof. Doutor José Ignacio Lacasta-Zabalza (Professor de Filosofia do Direito da Universidade de Saragoça), Prof. Doutor José Manuel Sobral (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa) • 15h00: CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO pelo Prof. Doutor Joaquim Gomes Canotilho (Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Direito da UC) • ENCERRAMENTO



MUSEUS E ARQUITECTURA DE BERLIM UMA VISITA INESQUECÍVEL

Atendendo às profundas transformações registadas nas últimas décadas, pode falar-se de uma autêntica revolução museológica. Esta manifesta-se na quantidade de museus criados, mas também na qualidade e inovação das soluções adoptadas. Para se adquirir uma percepção mais nítida daquela realidade, não basta a consulta da vasta informação disponível. A observação directa de alguns desses novos pólos de cultura torna-se imprescindível para quem deseje dedicar-se à actividade museológica.

Por isso, a exemplo do que já sucedera nas anteriores edições do Mestrado em Museologia e Património Cultural – oferecido pela Faculdade de Letras desde 1998 –, no que se refere à presente edição do Mestrado, a principal visita de estudo (26-29 de Maio de 2005) teve Berlim como destino.

Esta, desde 1989, foi a cidade que, no mundo, sofreu transformações mais significativas. Com efeito, a cidade, além de ter readquirido a sua função de capital, tornou-se num esta-leiro permanente, onde a tradição e a inovação se conjugam.

OS MUSEUS DE BERLIM

De entre um número considerável de museus berlinenses há uma meia dúzia que, pelo seu elevado nível, merece especial atenção. Alguns encontram-se localizados na Ilha dos Museus (situada atrás do Lustgarten), uma área que se destaca pela alta densidade de instituições museológicas.

O Museu de Pérgamo (inaugurado em 1930) é o mais novo dos museus da área. Trata-se de um dos primeiros edifícios edificados para a exposição de grandes peças arquitectónicas e escultóricas. As ricas colecções que acolhe – como o famoso *Altar de Pérgamo* e a *Porta do Mercado de Mileto* – provieram das grandes escavações efectuadas por arqueólogos alemães, na transição do século XIX para o século XX. Além do valioso património, vindo do Próximo Oriente, também a escultura grega, a arquitectura romana e a arte islâmica se encontram ali representadas.

Por sua vez, na famosa Alte National Gallery (Velha Galeria Nacional, aberta em 1876) encontra-se patente uma das mais importantes colecções de pintura e escultura do século XIX.

Como se lê no catálogo, trata-se de «um monumento fascinante da história das artes visuais, da política e da cultura da Alemanha».

Os museus concentrados na referida área vão ser objecto de uma profunda intervenção, com a qual se pretende articular as respectivas visitas, facilitando a comunicação, através da construção de passagens entre eles.

Noutra zona da cidade (Potsdamer Strasse e imediações) situa-se outro conjunto de museus e a Neue National Gallery (Nova Galeria Nacional), edificada em 1968. Esta é uma obra-prima da arquitectura contemporânea (da autoria de Mies van der Rohe), constituída por um surpreendente edifício com cobertura de aço sobre um amplo átrio de vidro, apoiado em seis delgadas escoras interiores. Toda a actividade museológica e cultural (exposição de uma magnífica colecção de arte contemporânea e exposições temporárias) se desenvolve nos pisos subterrâneos e na galeria ao ar livre, na qual se encontram esculturas de autores consagrados.

Entre outros museus localizados na mesma área, destacam-se o Museu de Instrumentos Musicais (notável pela colecção, mas também pela arquitectura), o Museu de Artes Decorativas e a Gemäldegalerie (Galeria de Pintura).

No Museu de Artes Decorativas encontram-se ricas colecções de várias épocas, desde a Idade Média à actualidade. Entre as peças mais valiosas salientam-se as colecções de ourivesaria, pratas, louça e mobiliário.

Por sua vez, a Galeria de Pintura patenteia uma excelente colecção dos séculos XII-XIX e alguma escultura. Além da riqueza das colecções, o moderno edifício apresenta soluções museográficas modelares, por exemplo, quanto ao imaginativo aproveitamento da luz natural e ao revestimento das paredes com tecido. O salão central, dedicado à escultura, exemplifica o que se acaba de referir.

MUSEU DA MEMÓRIA

Outro museu, embora recente, tornou-se já o mais emblemático. Refiro-me ao Museu Judaico, aberto ao público em 1998. Graças à genialidade do arquitecto Daniel Libeskind, a solução

encontrada fez com que se obtivesse, não apenas um museu extraordinário, como um monumento evocativo da história judaica e do Holocausto.

O conjunto, imbuído de simbologia, história e memória, apresenta diversos tipos de soluções, muitas das quais inovadoras. Enquanto a coleção se concentra na história e na arte judaicas (desde as Belas-Artes a objectos do quotidiano), já as salas vazias simbolizam a cultura judaica perdida. As soluções museográficas adoptadas são pautadas pela originalidade.

O traçado do edifício lembra a estrela de David. Um corredor conduz à hermética torre do Holocausto (na qual se pode sentir a forte pressão, física e psicológica, da clausura), ao passo que um outro conduz ao jardim, com colunas de cimento, evocando o vazio e a solidão de milhares de ale-mães judeus, condenados ao exílio. A diáspora judaica está também assinalada. A sensação que se obtém, num espaço interior e algo intimista, ao andar-se por cima de crânios metálicos estilizados, proveniente do som produzido pelos passos e pela envolvimento, é inolvidável.

O emblemático edifício, sem janelas e só com pequenas frestas, é totalmente utilizado como espaço museológico e expositivo, o que se tornou possível pelo facto de os serviços de apoio terem sido instalados num edifício histórico, com ligação àquele.

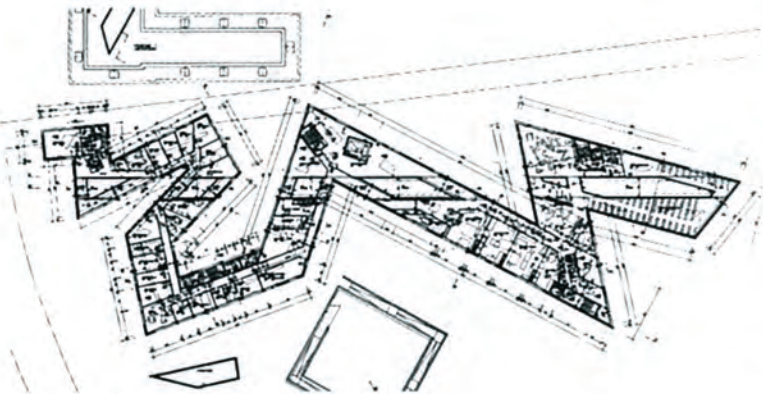
OUTROS MARCOS DE INTERESSE

Foi ainda possível apreciar alguns dos muitos centros de interesse de Berlim, tanto arquitectónicos e urbanísticos como históricos. Recordo os seguintes: Memorial ao Holocausto, inaugurado recentemente; Reichstag, com a impressionante cúpula envidraçada (do arquitecto Norman Foster), uma bela e funcional solução, no que toca à arquitectura do ferro; Centro Sony, local de lazer e de sociabilidade (cuja cobertura, também em vidro, faz recordar o Monte Fuji); edifício de uma instituição bancária, junto à Porta de Brandenburg, do arquitecto Frank O. Gehry; e o célebre edifício do Museu e Arquivo Bauhaus (1925-1926), do arquitecto Walter Gropius

Recorde-se que o estaleiro berlinense continua cheio de dinamismo, como se pode constatar, em vários pontos da cidade. Por exemplo, está a ser concluída a estação ferroviária central, que ocupará lugar de destaque entre as suas congéneres.

JOSÉ AMADO MENDES
Director do Mestrado em Museologia e Património Cultural -
Faculdade de Letras

Museu Judeu de Berlim, Daniel Libeskind, 1999



I M P R E S S Õ E S

oficina
Dos Saberes



EVOCÇÃO DE EUGÉNIO DE ANDRADE

O gesto amplo, que cerca as coisas rentes ao olhar – a natureza, os animais, os amigos, a música, a pintura, a literatura e outras artes –, um gesto coberto de um manto de materno amor, eis o que mais nos comove na obra de Eugénio de Andrade.

Esta amorosa entrega traz o sinal de uma ética que, no seu caso, significou sempre a consagração ao ofício de escrever numa língua nova. Uma língua que fizesse ressoar os cantos imemorais, os mitos antigos, uma língua que iluminasse a essência do homem na sua força desejante de vida/amor, mas também, e complementarmente, nas suas zonas de sombra. Dessas duas constantes da vida e da arte, tantas vezes divididas e mal compreendidas, nos trazem sinal, numa linguagem nova, a poesia e as palavras em prosa do *nosso* Poeta, numa reiterada negação de “todos os dualismos”, atitude que se fundamenta no interesse em cantar “a plenitude dos instantes em que o ser mergulha inteiro nas suas águas”.

O CORPO POÉTICO

Esta perseguição do essencial para lá de todas as aparências é acompanhada de uma linguagem que traduz uma grande intimidade com o seu “mundo mais elemental”, do qual retirou a substância telúrica que nutre os seus poemas.

A sua descoberta é a de uma frescura matinal, da natureza úbere e da força libertária propiciatórias de um devir existencial que não se compagina com a moral das pequenas razões sociais. Neste sentido pode compreender-se a referência feita pelo poeta ao namoro dos jovens com a sua poesia, como fazendo parte, acrescentamos, de uma experiência de encontro do leitor que, autobiograficamente, se identifica com a representação da paixão pelas coisas ardentes da terra ainda não consumadas. Este fascínio dos leitores (de certos leitores) parece dar sinal daqueles estados encantatórios de encontro do poeta com a sua essência mais profunda, da qual emerge o acto poético como revelação do ser. Tal processo de revelação é mediado pelo simbolismo ascensional

da fonte, que se presta à interpretação da elevação do corpo amoroso, sem que se possa separar a voz que fala do conteúdo da fala. Por outras palavras, o sentido do corpo só faz sentido se lermos a escrita como corpo de corpos: do sujeito-língua, da mãe, da casa-vida e dos seus frutos. Este estado de acronia – tempo sem tempo medido – só pode, de facto, trazer, aos que dele conseguem aproximar-se, um deslumbramento visceral. Como não compreender o deslumbramento dos olhos dos jovens no encontro com os versos de paixão ardente por tudo o que significa ânsia de realização? Tantos versos comprovam a potência deste impulso amoroso juvenil, coroado de recatado erotismo. Fica-mos por alguns do seu último livro:

(...)

Escrevo para levar à boca

o sabor da primeira

boca que beije a tremer.

Escrevo para subir

às fontes.

E voltar a nascer.

(in *Os Sulcos da Sede*)

EXALTAÇÃO SENSORIAL

O obstinado rigor da sua poesia tem sido observado naqueles que são os principais veios construtivos de uma poética elemental. Desde logo, a inscrição de uma profunda sensorialidade no canto dos seres viventes, quer como testemunho de uma íntima comunicação com o cosmos, quer como marca da sua dádiva ao humano. Ganha primazia nesta poética a conexão estabelecida entre o sujeito e as coisas que tocam a sua sensibilidade. Tal celebração dadivosa e sensorial da vida inscreve-se no arquétipo do amor materno, figura responsável pela beleza e por todo o amor que perpassam nos seus poemas.

Com os sentidos exaltados, o poeta dedica-se ao canto do ardor da tarde, acompanhado dessa música das cigarras, dessa beleza dos corpos amantes, desse voo deslumbrado

dos pássaros, desse rumo libertário do navio, desses cheiros quentes dos frutos de verão e desse erotismo dos cavalos. O seu conhecido vocabulário minimalista, ligado aos elementos essenciais da imaginação simbólica (água, terra, fogo, ar), confere um halo de beleza *zen* aos seus textos, levando o leitor a comungar de um profundo sentimento vitalista, vazado em movimentos de vibração da palavra, num exercício de pura decantação melódica, o que resulta naquele “fluxo de energia” de que falou Luís Miguel Nava.

A força simbólica dessa poesia onde o sujeito procura as fontes, a religação do que o homem dividiu, foi considerada por Eduardo Lourenço uma forma de angelismo poético, perspectiva que vai ao encontro da prática de um “sentido ascensional da vida”, nas palavras de Luís Miranda Rocha, que se fusiona com a própria revelação imagética do Homem.

Se, por um lado, a cantada necessidade dos bens fundamentais celebra em Eugénio de Andrade a força da vida, por outro lado, presta um tributo a poetas que, como Camões, cantaram o mesmo indefinível sentimento amoroso; mas também a Villon, citado em epígrafe ao livro *Os Sulcos da Sede*, que, de outra forma, exprimiu a mesma sede antes da fonte: “morro perto da fonte à míngua de água”. Pelo que diz respeito ao timbre melódico da poesia de Eugénio de Andrade, que manifesta a espontaneidade e a leveza musical dos trovadores e também a fina melodia de Camilo Pessanha, muito do que se encontra escrito por diversos estudiosos fica a dever-se a Óscar Lopes, quando disse ser esta arte “uma espécie de música”.

CRISTINA MELLO
ILLP/FLUC



BREVES TRAÇOS SOBRE PAUL RICOEUR

No passado dia 20 de Maio morreu, com 92 anos, o filósofo francês Paul Ricoeur, um dos mais lúcidos pensadores do séc. XX. Nascido em 1913, em Valence, no seio de uma família protestante, Ricoeur iniciou a sua formação filosófica no liceu de Rennes, pela mão de Rolland Dalbiez, prosseguindo a sua aprendizagem na proximidade de dois grandes nomes do séc. XX, Emmanuel Mounier e Gabriel Marcel.

De 1940 a 1945, prisioneiro de guerra, Ricoeur permaneceu durante cinco anos num campo de concentração na Pome-rânia. Aqui inicia a tradução das *Ideen I*, de Husserl, e é nestes anos que esboça o esqueleto da obra que viria a dar origem à sua tese de doutoramento, o primeiro volume da *Filosofia da vontade*.

Depois da libertação, sucedeu a J. Hyppolite na Universidade de Estrasburgo, onde apresentou as suas teses de *Doctorat-ès-Lettres (Le volontaire et l'involontaire e a tradução das Ideen de Husserl)*. Aqui passou os dez anos mais felizes da sua vida universitária, segundo confessa na sua obra *Réflexion faite* (Aubier, 1995). Ensinou ainda na Sorbonne, em Nanterre, em Lovaina, em Yale, em Montréal e nas Universidades de Columbia e Chicago.

RETOMAR AS QUESTÕES VITAIS

A obra que nos deixa, sólida e imensa, podemos dizer que é inteiramente dedicada à exploração de questões embaraçosas que a filosofia reflexiva moderna esqueceu e que colocam o pensar na fronteira entre a reflexão e a vida. Herdeiro das filosofias da suspeita sobre a consciência, Ricoeur faz sua a tarefa de ultrapassar o *Cogito* virtual de Descartes, enquanto elemento distintivo do humano. É a pessoa que lhe interessa: é ela o núcleo ético a partir do qual acredita que é necessário ordenar os problemas filosóficos do séc. XX e efectuar a conversão da filosofia à vida. Assim, os temas com que inicia o seu modo de pensar, os da vontade má, da má fé e do significado dos actos involuntários ou inconscientes, são absolutamente inovadores e fazem-nos perceber a opacidade do ser humano: um modo de ser que ultrapassa a lucidez da consciência e deve compreender-se a partir do campo prático, nomeadamente, do escândalo do mal, e do modo como realmente ele se torna um ser capaz ou

incapaz no espaço público do reconhecimento e da interacção.

A LINGUAGEM NA EXPERIÊNCIA MORAL

São pois absolutamente novas as categorias deste tipo de pensar praxiológico; temas como os da confissão, do testemunho, da atestação de si, da responsabilidade, da imputação e do compromisso, levam a que Ricoeur se interesse, desde cedo, pela problemática da linguagem, pelas expressões simbólicas, míticas e poéticas, nas quais a humanidade começou por exprimir a sua experiência do mal moral. Sem a mediação do mundo dos símbolos e das instituições linguísticas, que exprimem usos, costumes e ritos, não há qualquer compreensão dos acontecimentos humanos, do tempo e da história.

Se de facto a pessoa é, como pensa o filósofo, o melhor candidato para sustentar os combates jurídicos, políticos, sociais e económicos do mundo de hoje e é preciso pensá-la, para além dos esquemas tradicionais, há que fazê-lo a partir das investigações contemporâneas sobre a linguagem, sobre a acção, sobre a narração e sobre a vida ética e política. O homem que fala, o homem que age (e sofre), o homem que narra, que é personagem da narrativa da sua vida e é capaz de ser responsável, tais são os traços fundamentais deste modo de ser que é um *quem* e que desde as primeiras obras do filósofo recusa as categorias estáticas de consciência e de indivíduo.

DIÁLOGOS DOS SABERES EM RICOEUR

Quer isto dizer que a meditação do agir, que Ricoeur se propõe fazer, leva-o ao diálogo dos saberes, dado que a filosofia da acção nada é sem uma filosofia da linguagem, que se interroga sobre o valor heurístico e ontológico do símbolo, do mito, do texto, da metáfora e da narrativa. Só depois desta análise, o filósofo se debruça sobre as estruturas propriamente éticas do agir. São várias as disciplinas implicadas nesta via longa de abordagem do humano, no e pelo seu agir, repto que o filósofo

se impõe logo a partir da trilogia de *O Voluntário e o Involuntário*. Ciências do corpo, filosofia da religião, psicanálise, linguística e ciências da linguagem, teorias literárias e teorias da história, concepções jurídicas e políticas, tais são os grandes parceiros da construção ricoeuriana de um modo do filosofar que nos dá muito que pensar, mas que nem sempre tem sido bem compreendido, dado o carácter aparentemente fragmentário da sua obra.

Digamos então, em traços muito, muito breves, que dois são os principais eixos da hermenêutica ricoeuriana da pessoa: um desenvolve aquilo a que poderemos chamar a constituição finita, frágil, linguística e hermenêutica desta, contrariando o solipsismo da filosofia reflexiva moderna e a sua aposta no conceito em detrimento do vivido; o outro pensa-a a partir de uma análise da constituição hierárquica dos predicados que qualificam a acção humana em termos de moralidade. Ao primeiro

correspondem as obras *Filosofia da vontade* (três volumes), *Ensaio sobre Freud*, *O conflito das interpretações*, *A metáfora viva*, *Do texto à acção*, *Temps et récit* (três volumes), *Histoire et vérité*, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*; ao segundo, as obras *Soi-même comme un autre*, *Le juste* e *Le juste 2*. Neste segundo eixo, encontramos textos hoje imprescindíveis para as reflexões sobre a relação entre ética, moral e justiça e o sentido das éticas aplicadas.

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO
FLUC



Concluído um trabalho dedicado à inédita e insuspeitada Coleção D. Miguel, do Arquivo Histórico Municipal de Coimbra (AHMC), voltámos a esta instituição para descobrir e estudar desta feita um volumoso códice, que aguardava a nossa atenção havia já algum tempo. Trata-se de uma colectânea de documentos manuscritos entre os anos 1754 e 1792, organizada e mandada encadernar pelo lente da Faculdade de Direito, autarca e deputado, António Luís de Sousa Henriques Seco, em 1854. Encontrada no espaço da velha Torre da Almedina, onde até há poucos anos funcionava o AHMC, esta colectânea tem vindo a receber cuidados arquivísticos e paleográficos por Paula França e pela sua equipa, num trabalho minucioso ainda não disponível de forma oficial aos leitores, mas visitável.

UM RAIO CONTRA OS FRADES DE SANTA CRUZ

Possuindo um "Catálogo" e um "Índice dos capítulos dos documentos", pensamos que da autoria de António Henriques Seco, esta obra oferece especialmente dois documentos de grande interesse histórico. Destaca-se, da autoria do bisavô de António Henriques Seco, o lente da Faculdade de Direito Dr. Luiz de Sousa Reis (1707-83), o parcialmente inédito *Raio de Luz Catholica* – uma violenta diatribe deste universitário contra "a heresia Jacobea dos Frades de Santa Cruz". Sob o pseudónimo de "Leandro de São Fulgêncio, filósofo e jurista conimbricense", o *Raio* é "vibrado (...) contra os malditos frades jacobeus de Santa Cruz" durante 170 capítulos, denunciando crimes que teriam sido perpetrados pelos crúzios através de vários "abusos da practica nas confissões", roubos "da terceira e quarta parte da herança dos que se enterravam" em Santa Cruz, crimes de "sensualidade" fradesca ou mesmo "bulhas e desordens" no convento. Tão ou mais interessante quanto o *Raio de Luz Catholica* é o seu vastíssimo "Apêndice" e "Notas à obra precedente", que conta com 712 capítulos, tendo alguns deles sido publicados pelo bisneto de Luiz de Sousa Reis no *Conimbricense*, na década de 1860. Com efeito, se o *Raio* já continha várias interessantes reflexões laterais à diatribe contra Santa Cruz, o apêndice à obra torna-se numa importante fonte para várias matérias e campos históricos.

CONTRIBUTOS MULTIDISCIPLINARES

Numa perspectiva histórica político-institucional e cultural, nele encontramos a recordação da "petição dos Judeus a Filipe II, que temendo ser presos pelo Santo Ofício, prometem pagar uma soma em dinheiro para alcançar o perdão", uma reflexão sobre "a grande influência que o Padre Reformador frei Gaspar de Encarnação tinha junto do Rei Dom João V", ou mesmo um relato da "prisão do (...) Marquez e Marqueza de Távora e filho". Para a história da ciência e da cultura científica em Portugal no século XVIII são elementos importantes a descrição dos efeitos das "grandes cheias" e "grandes giadas [sic]" que então ocorreram em Coimbra e nos seus arredores, o relato da observação de várias "auroras boreais" e da passagem de cometas pelos céus da cidade, e os comentários que Luiz de Sousa Reis teceu acerca do nascimento de vários monstros humanos e botânicos no concelho de Coimbra.

Nunca perde contudo, este *Raio de Luz Catholica*, a sua rota de ataque a Santa Cruz. Figuras como Dom Eusébio de Encarnação, o Vigário-Geral deste mosteiro (que Luiz de Sousa Reis alcunha de "prende-burros") retomam vida com os episódios narrados pelo autor. De facto, toda uma realidade e um quotidiano português, conimbricense e universitário, desaparecidos com o fim do Antigo Regime, ressurgem no *Raio* e no seu Apêndice. São disso bons exemplos a recordação do "motim dos estudantes contra o reitor da Universidade, Dom Francisco da Anunciação", a revelação do caso das "fontes públicas roubadas" por Santa Cruz, ou ainda o desvio de águas da Quinta da Ribela para a quinta dos crúzios, através da construção de "cinco minas secretas", forradas "de paredes e abobadas com cannos pellos meyo [sic]" para aí alimentarem "cascatas, tanques, e fontes" e muitos outros "brincos [sic]". Actos que teriam sido cometidos à custa de "muitos cabedaes", "com muito segredo (...) traba-lhando se muito de noute [sic]" – matéria "[atabafada]" junto da vereação "pello grande poder" do reformador frei Gaspar de Encarnação. Um acervo documental, e particularmente o *Raio de Luz Catholica*, que contém em si um manancial de informação, merecedor de um estudo mais aprofundado. A ele nos dedicaremos muito em breve, procurando reavivar a memória da Coimbra setecentista.

A MEDICINA PINTADA A FRESCO: MÉDICOS, CIENTISTAS, A CIDADE E A UNIVERSIDADE

Corria a última semana de Maio de 1956 quando o fresco da Faculdade de Medicina era concluído com o seguinte texto escriturado no fundo do campo pictural: «DELINEOU E PINTOU ESTE PAINEL O ARTISTA SEVERO PORTELA J. OR SENDO SERVENTE DAS ARGAMASSAS O ESTUCADOR MARALVES – 25 MAIO 1956».

Para além dos nomes indicados no painel, outros há a referir entre os diversos obreiros que contribuíram para a obra. Deles, um dos mais importantes foi Feliciano Guimarães, professor da Faculdade de Medicina, a quem se reconhecia, para além do saber médico e da história médica, cultura e mérito artísticos. Severo Portela Júnior, que já havia pintado um dos painéis da Faculdade de Letras, consciente da importância do lente de Medicina, afirmou: “seria [...] conveniente que [...] o senhor delegado dos professores universitários se pronunciasse sobre a minha interpretação e sobre a apresentação técnica dos factos e personagens que pretendo figurar”. Também o arquitecto responsável pelas obras da cidade universitária, Luís Cristino da Silva, sucessor de Cottinelli Telmo, era da mesma opinião: “o [...] esboçeto merece, nas suas linhas gerais, aprovação. Convirá, no entanto, conforme propõe o autor e muito bem, submetê-lo à aprovação” do lente de Medicina.

A obra final enferma da mesma dificuldade que o pintor havia denunciado para o painel das Letras [v. Rua Larga 9]: a de haver muitas personagens a representar, o que levou à construção de um esquema profuso conducente à perda do fio condutor da história da Medicina. Às personagens, o autor colocou-lhes um atributo que as identificasse e, não raras vezes, escreveu junto delas o nome do representado, recurso necessário em virtude da temática médica se encontrar mais afastada do conhecimento comum e de assim se assegurar que todos os figurados fossem identificados. O pintor guindou-se a desenhar uma linha de evolução que se inicia na zona cimeira do painel com a representação de uma aula universitária medieval e que, percorrendo momentos importantes da história da Medicina medieval e moderna, termina nas cenas onde se percebem os conceitos da Medicina dos séculos XIX e XX (vacina, assepsia, combate à dor...).

Na memória descritiva estavam previstas duas formas de apresentação dos vultos a figurar: uns em retrato (os Portu-

gueses), outros através da evocação desenhada em lápides (os Estrangeiros). Assim, no painel, destaca-se com figuração plena, à maneira de retrato, um rol de eminentes sábios no domínio das áreas médicas, todos eles filhos da nação: Pedro Hispano, Amato Lusitano, Bernardino António Gomes, Garcia de Orta, José Correia Picanço e, no lugar do Henrique de Vilhena anunciado na memória descritiva, aparece, não nomeado no documento escrito, Francisco Soares Franco.

Se já na intenção do pintor se subalternizavam os vultos estrangeiros em relação aos nacionais, na figuração passada ao muro da Faculdade de Medicina esta subalternização foi ainda mais evidente, pois as placas evocadoras que se previam para os estrangeiros, apesar de desenhadas, não foram escritas com quaisquer frases referenciadoras dos cientistas apontados no texto descritivo. Mais uma vez se vê na cidade universitária de Coimbra o primado do culto nacional quando a única tarjeta a levar texto é a que faz evocação da técnica do descobridor português: a “Angiografia de E. Moniz”.

Aliado ao culto nacional, aparece a evidenciação do culto do saber universitário de Coimbra patenteado já no texto quando o autor escreveu que figuraria “em primeiro plano grandes personagens da medicina quase todos ligados à Universidade”. Mais que à Universidade em sentido lato, o vinco é colocado na Universidade de Coimbra (figurada no cimo do painel em retrato físico, através da representação da Via Lati-na do Paço das Escolas, que coroa a cidade mostrada nos seus mais vetustos monumentos). Prova visível da exaltação da Universidade aeminiense é o facto de Egas Moniz aparecer com o seu traje talar de Doutor da Universidade de Coimbra, com as insígnias doutorais (borla e capelo segundo o modelo de Coimbra, da cor amarela correspondente à Medicina).

A assistência aos necessitados toma corpo através da figuração de um dos santos mais evocados durante o Estado Novo (São João de Deus) e de duas rainhas cuja forma de representação se assemelha à da exposição dos vultos sagrados. A rainha D. Leonor aparece envergando um hábito de religiosa, com a coroa pousada num suporte velado e com um manto semelhante ao que é utilizado pela iconografia tradicional da Virgem da Misericórdia. A enfatizar ainda mais

esta erudita colagem ao ícone da Senhora da Misericórdia (pois D. Leonor é a fundadora das Misericórdias) está a figura de um anjo de modelo gótico que lhe segura o manto e o estende para que deixe ver uma das crianças que a rainha protege.

A rainha D. Amélia aparece também com um modelo iconográfico muito preso às representações da arte mariana. Alu-são à sua acção caridosa é a criança que tem sob a sua protecção. Ao observar-se o quadro de uma forma mais atenta, percebe-se que não se tratará de uma qualquer criança, mas de que o pintor quis transmitir, aos que olharem de forma mais aprofundada, uma mensagem política. A criança que acompanha a fundadora da Assistência Nacional aos Tuberculosos deverá ser entendida adentro do contexto espacial que é encimado pelo corpo desnudado que surge como atributo de São João de Deus. A figura nua segura uma coroa de consideráveis dimensões que se ergue em jeito de baldaquino na gravitação da rainha e da criança, bem à maneira do típico retrato régio da Idade Moderna. Poder-se-á ler aquela criança como um dos filhos da rainha: ou D. Luís Filipe, morto pelo regicídio de 1908, ou D. Manuel, derradeiro rei do Portugal Monárquico. A um e a outro foi tirada a coroa: ao primeiro, com a morte; ao segundo, com o fim da monarquia. A idade da figura representada, uma criança, faz entender que se trate do príncipe herdeiro que fora morto em 1908. A figuração da coroa não deixa dúvidas de que se quis evidenciar os protagonistas dos últimos episódios da

monarquia em Portugal e, embora nos escape a cabal explicação para esta representação, poder-se-á entender como exibidora de um sentir monárquico.

A juntar ao corpo que se enquadra na área de protecção de São João de Deus, vêem-se vários nus, alguns muito esculpidos de músculos que, apesar de se revelarem bom pretexto para o pintor exhibir a sua arte de desenhar e de serem motivo pictural que se coaduna com a temática da evocação da Medicina, podem assumir-se como indicadores de um ideal de heroicidade corporal assente na máxima do corpus sanus e que podem fazer reflectir acerca da relação entre a arte do Estado Novo e a arte dos regimes totalitários no que se refere à figuração do nu atlético e heróico.

A juntar a todas as características que lemos na obra como reveladoras do Estado Novo, podemos ainda atentar na questão de se entender a arte da pintura como subjugada à arte da arquitectura, o que pode, na verdade, ser compreendido como uma noção artística denunciadora do advogar da ideia de uma arte reinante sobre outras tidas como acessórias.

Tal como Severo Portela Júnior fizera, aquando da figuração da longa história da Medicina, não analisámos à exaustão este seu fresco; "evidentemente que muito ficou por dizer", tão-somente "fizemos um comentário", para que possamos entender o percurso de que este fresco é, obviamente, um ponto importante.

MARCO DANIEL DUARTE
 Doutorando em História da Arte (FLUC) • Bolseiro da FCT



NOVA CASA DO CES

O Centro Estudos Sociais (CES) inaugurou no dia 28 de Setembro as novas instalações no Colégio S. Jerónimo. Trata-se de um marco na história do CES, fundado em 1978 e dirigido por Boaventura de Sousa Santos. Na inauguração do novo espaço destinado à investigação em Ciências Sociais, Conceição Peleteira, vice-presidente da FCT, lembrou que o CES, enquanto laboratório associado, foi referido na última investigação internacional como “centro modelo, do ponto de vista científico e organizacional”.

Abrem-se as portas a uma nova era em que será dada prioridade ao aprofundamento da internacionalização, nomeadamente dirigida a África e à América Latina, bem como ao desenvolvimento dos cursos de pós-graduação, prevendo ainda uma maior abertura das universidades à sociedade.

PRÉMIOS CES

Por ocasião da inauguração das novas instalações do CES, foram entregues os prémios CES para jovens cientistas sociais de língua oficial portuguesa, no valor de 10 mil euros. O trabalho vencedor intitula-se “A cegueira e as narrativas silenciadas. Para além da tragédia, para lá do infortúnio” e é da autoria de Bruno Martins. As três menções honrosas couberam a Pedro Góis, pelo trabalho “A emigração cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercados locais: Lisboa, Milão e Roterdão”, Helena Machado, pelo trabalho “Tribunais, género, ciência e cidadania - uma abordagem sociológica da investigação judicial da paternidade” e Osvaldo López-Ruiz, pelo trabalho “O *ethos* dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo”.

INVESTIGADORA DA FCTUC PREMIADA

Inês Araújo, investigadora na FCTUC e doutorada em Biologia pela mesma instituição, foi uma das contempladas com a “Medalha de Honra L’Oreal para as mulheres na Ciência”. Este galardão, que tem como objectivo premiar o trabalho levado a cabo na óptica do “contributo relevante que os seus estudos poderão trazer à vida humana”, resulta de uma iniciativa conjunta da L’Oreal Portugal, da Comissão Nacional da UNESCO e da FCT.

O trabalho premiado de Inês Araújo avalia um novo composto e a sua importância para o tratamento da epilepsia, através de um modelo experimental.

Além da distinção, as premiadas recebem dez mil euros para prossecução dos seus projectos de investigação. Juntamente com Inês Araújo foram distinguidas Ana Sarzedas (investigadora na Universidade de Nova Iorque), Sónia Gonçalves (investigadora no Instituto de Biofísica e Engenharia Biomédica) e Sandra Sousa (investigadora no Instituto de Biologia Molecular e Celular).

Na edição deste ano, registaram-se 53 candidaturas, mais 23 do que na edição anterior. O júri foi presidido por Alexandre Quintanilha e as medalhas entregues a 28 de Setembro, na Academia das Ciências de Lisboa.

“DO DESIGN: HERANÇA, PROJECTO E CONHECIMENTO”

O Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC) recebeu no dia 15 de Julho, uma mesa-redonda intitulada “Do *design*: herança, projecto e conhecimento”, organizada no âmbito de um curso de Verão intitulado “Del plom al píxel”, desenvol-

vido pela Universidade de Barcelona na cidade do Porto, em parceria com a empresa Alquimia da Cor. Esta actividade é uma consequência directa da relação que desde há três anos as duas entidades mantêm, e que deve inscrever-se num projecto de geração de um contorno ibérico nas áreas da Formação, Comunicação e *Design* Gráfico e Intermédia, potenciando a investigação (científica e pedagógica) e a associação entre universidades e empresas.

Esta mesa-redonda contemplou a possibilidade de estabelecer pontes entre as disciplinas tradicionais de conhecimento e a sua futura projecção.

Os participantes na mesa redonda, moderada por Maria José Azevedo Santos, directora do AUC, foram João Gouveia Monteiro (pró-reitor para a Cultura da UC), Enric Tormo y Ballester (catedrático em Tecnologia do *Design* pela Universidade de Barcelona), António Pedro Pita (docente na Faculdade de Letras da UC e delegado do Ministério da Cultura para a Zona Centro) e Joaquim Antero Magalhães Ferreira (*designer* e docente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto).

PRÉMIO DE TRADUÇÃO PAULO QUINTELA

O Prémio de Tradução Paulo Quintela destina-se a galardoar trienalmente uma tradução de poesia de valor reconhecido. A tradução, de qualquer língua estrangeira para a língua portuguesa, deve ter sido publicada nos três anos anteriores à concessão do Prémio.

O galardão, com patrocínio da Fundação Eng.º António de Almeida, do Banco Espírito Santo e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tem o valor pecuniário de 2500

euros, sendo atribuído pelo Conselho Científico da Faculdade de Letras de Coimbra.

O júri será composto por cinco membros a designar pelo Conselho Científico da Faculdade de Letras.

A atribuição não está sujeita a concurso, tendo a decisão do júri em consideração o conjunto da produção editorial do período em causa, no âmbito da tradução de poesia.

O Prémio será atribuído até 31 de Dezembro de 2005.

PRÉMIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Encontram-se abertas, até 4 de Novembro, as candidaturas ao Prémio Universidade de Coimbra. Já na sua terceira edição, este galardão (patrocinado pelo Banco Santander-Totta e agora com o apoio do Jornal de Notícias) pretende distinguir “pessoa de nacionalidade portuguesa que se tenha destacado por uma intervenção particularmente relevante e inovadora nas áreas da cultura ou da ciência”.

O Prémio, no valor de 25 mil euros, é atribuído anualmente, tendo a cerimónia lugar na comemoração do dia da Universidade de Coimbra, a 1 de Março. Nesta terceira edição, o júri é presidido pelo Reitor da UC, Fernando Seabra Santos, tendo como vice-presidentes António V. Monteiro (Grupo Santander-Totta) e José Marquitos (Grupo Lusomundo).

Na sua primeira edição, o Prémio foi atribuída ao cientista Fernando Lopes da Silva, e na segunda edição *ex aequo* a António Manuel Hespanha (professor e historiador) e Luís Miguel Cintra (actor e encenador).

Mais informações em:

http://www.uc.pt/eventos/Prémio_Universidade_2006.htm

oficina
Dos Saberes

R I B A L T A



SECÇÃO DE JORNALISMO DA AAC DUAS DÉCADAS DE INFORMAÇÃO

A Secção de Jornalismo, fundada em 1983, é uma das secções culturais da Associação Académica de Coimbra. Entre as suas principais produções actuais encontram-se o *Jornal Universitário de Coimbra - A Cabra*, com 14 anos - o site *Acabra.net* e a centenária revista *Via Latina*.

A Secção de Jornalismo começou a sua actividade com o jornal *A Cábula*, cujo número zero foi lançado a 25 de Novembro de 1983, a um preço de 20 escudos. A secção trouxe ainda a público mais quatro números desta publicação, que foi interrompida em 1984. Só três anos depois viria a surgir um novo título: a *Gazeta Académica*, que pretendia ser um jornal mensal. Contudo, durante os três anos de vida da *Gazeta*, só dez exemplares foram publicados.

Em 1991, surge pela primeira vez *A Cabra*. Os anos que se seguiram pautaram-se por uma publicação algo irregular, tanto na periodicidade como no conteúdo, mas sempre definida pelo objectivo de informar o estudante de Coimbra. Foi

no ano lectivo de 2002/2003 que o jornal passou a ter uma periodicidade regular (quinzenal), interrompida apenas pelos períodos de férias escolares.

VOOS RECENTES

Em Outubro de 2003, a secção alargou a sua presença ao mundo digital. Acompanhando as comemorações do 20º aniversário, foi divulgado o site *Acabra.net*. Ainda nesse ano, a Secção de Jornalismo lançou mãos à tarefa de reeditar a revista *Via Latina*. O primeiro número desta nova série foi lançado no dia 1 de Março de 2004, data do 714º aniversário da Universidade de Coimbra.

A Secção de Jornalismo da AAC

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA - O *Jornal Universitário de Coimbra - A Cabra*, com mais de 130 números publicados, é um órgão de imprensa universitário, gratuito e quinzenal. Com uma tiragem média de 3000 exemplares por edição, é este o único órgão de comunicação escrita em permanente contacto com o universo de cerca de 23 mil estudantes de Coimbra. É constituído, na sua maioria, por estudantes do ensino superior de Coimbra. Desde a sua origem, já mais de 400 pessoas colaboraram com o jornal, sempre com uma formação garantida por profissionais na área da comunicação. Desde o início, o principal objectivo de todos os que passaram pela redacção foi a realização de um jornal que chegasse a um largo universo de estudantes da Universidade de Coimbra e, ao mesmo tempo, que representasse e divulgasse, extra-Universidade, o que de bom se faz nesta Academia. Assim, a distribuição d'*A Cabra* é feita em todas as faculdades e departamentos, bem como em bares e locais de lazer habitualmente frequentados pela comunidade estudantil.

Acabra.net - O site "*Acabra.net*" é um portal informativo, de actualização constante, essencialmente destinado a toda a comunidade estudantil e vocacionado para as temáticas do ensino superior e da vida académica, sem por isso descurar todas as outras áreas - da ciência à política, da cultura ao desporto - que podem interessar a um público tão heterogéneo como o são os estudantes universitários em Portugal.

Lançado a 7 de Outubro de 2003, conta já com um público assíduo, responsável por milhares de cliques diários, e com uma equipa em expansão que, quotidianamente, é responsável pela actualização e gestão de conteúdos do site. Realizado e mantido inteiramente por estudantes (desde a concepção e programação até à redacção e direcção editorial), *Acabra.net* assume-se, assim, como um projecto pioneiro no país. Eleições nas associações de estudantes, manifestações de protesto e contestação e as mais diferentes acções do movimento estudantil constituem a matéria-prima privilegiada do site. Mas *Acabra.net* não vive só de notícias. No site, é possível encontrar colunas de opinião, crónicas (com temas que vão da ciência ao cinema, passando pelas crónicas de pendor literário), entrevistas de fundo, projectos fotográficos e artísticos. Tudo num espaço eclético, onde podem ter voz as mais diferentes opiniões e encontrar-se assuntos de interesse para os mais variados gostos.

Via Latina - A revista *Via Latina*, como projecto jornalístico e informativo, existe desde 1889. Atravessando diversas fases perfeitamente distintas que mostram a forma como viveu a passagem do tempo, do seu lado estiveram nomes como Jorge Sampaio, actual Presidente da República (que colaborou com esta publicação no crítico ano de 1969), Ana Salazar, Boaventura de Sousa Santos, Francisco Louçã, Rui Alarcão, Fernando Rebelo, Agustina Bessa Luís, José Mattoso, Miguel Esteves Cardoso, entre outros. A *Via Latina* já foi um jornal, uma revista à laia de livro, já esteve com o poder e já esteve contra ele.

Volvidos cerca de treze anos sobre o último número, a *Via Latina* voltou a renascer. Pela mão da Secção de Jornalismo da AAC, relançou-se no dia 1 de Março de 2004 o título *Via Latina* enquanto publicação/fórum de confrontação de ideias, neste primeiro número subordinado ao tema "Globalizações no Plural". Um ano depois surgiu o número 2, que pretendeu pensar o tema "Espaços Lusófonos".

Esta iniciativa é mais uma contribuição para que se mantenha a dinâmica que desde sempre tem impregnado os pergaminhos da Secção de Jornalismo da AAC, sempre centrada na pretensão de dinamização da actividade intelectual, jornalística e cultural da Academia de Coimbra.

QUANTUNNA TUNA MISTA DA FCTUC

A Quantunna, Tuna Mista da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, foi fundada em 2 de Abril de 1996 por alunos de Física, mas depressa se estendeu aos demais cursos desta Faculdade. De forma espontânea, tornou-se numa tuna mista, adoptando uma posição de inovação e de dinamismo no seio da Academia.

A Quantunna distingue-se das outras tunas pela maneira como esteve, está e estará formada. Além de uma grande dose de companheirismo e amizade (certamente também presente nas outras tunas), as vozes mistas e, sobretudo, a admissão livre de novos valores, independentemente da sua formação musical, são as principais facetas que nos distinguem e que constituem motivo de grande orgulho.

Os originais que compõem quase todo o livro de músicas da Quantunna têm naturalmente a influência da música popular portuguesa, bem como, inevitavelmente, de uma raiz académica.

A Quantunna reúne-se duas vezes por semana e, com cerca de 150 actuações, é participante assídua em festivais, saraus e todo o tipo de eventos festivos. Recebeu já vários prémios, tendo igualmente participado na gravação de um CD com outras tunas mistas.

FESTIVAL OITO BADALADAS

Na nossa actividade, destaca-se a organização do Festival de Tunas Mistas de Coimbra *Oito Badaladas*, um evento que veio dinamizar e abanar esta Coimbra de velhas tradições. Contando já com três edições, o *Oito Badaladas* é inserido nas comemorações do nosso aniversário e decorre o mais próximo possível do dia 2 de Abril.

A realização deste festival tem como objectivo promover o convívio inter-tunas e dar a conhecer à cidade de Coimbra grupos culturais académicos de diversos pontos do país e as suas músicas.

Este festival tem a duração de dois dias. No primeiro, durante a tarde, realiza-se um passeio pela cidade com todas as tunas participantes, com o intuito de dar a conhecer Coimbra às tunas e as tunas à cidade. Ao entardecer, realiza-se um jantar-convívio com todos os participantes. E ao início da noite tem lugar o espectáculo com a actuação de todas as tunas e a posterior entrega de prémios, de acordo com a opinião do júri convidado. O *Oito Badaladas* culmina num convívio que se prolonga pela noite e na tarde do dia seguinte, com actividades envolvendo todos os que desejarem participar.

Sendo o único festival a realizar-se em Coimbra onde participam exclusivamente tunas mistas, e tendo em conta as dificuldades sentidas pelas mesmas, devemos olhar para o *Oito Badaladas* como um evento de grande importância cultural, que dignifica ainda mais as tunas mistas, a tradição académica coimbrã e a música popular portuguesa de cariz académico.

Em todas as suas edições, as expectativas foram superadas e o festival cumpriu os seus objectivos com grande êxito, pelo que é com a garra de sempre que a Quantunna deseja que este Festival se perpetue.

PERSPECTIVAS DE FUTURO

Durante grande parte da sua existência, a Quantunna ensaiou (e ensaia ainda) na sala dos *posters*, uma sala cedida pelo Departamento de Química. No entanto, o departamento tem já novos planos para a sala, o que torna esta situação precária. Os contactos junto dos vários departamentos e do próprio Conselho Directivo da FCTUC sucedem-se e, apesar de haver algumas vezes vontade em acolher o nosso pedido, a resposta é sempre negativa. Assim, sem um local para ensaiar e para ter os seus instrumentos e espólio variado, a Quantunna corre o sério risco de desaparecer.

Além da continuação do *Oito Badaladas*, a Quantunna tem

como objectivos, sempre presentes, a formação musical dos seus elementos, nomeadamente através de *workshops*, o melhoramento ou aquisição de instrumentos e acessórios e a gravação de um álbum com as suas músicas, objectivo este que é perseguido com muita ânsia e vontade há já alguns anos. O futuro da Quantunna apresenta-se, assim, sob dois prismas: o querer e o não poder. O querer fazer, ter as ideias, ter a vontade, ter um público, mas, por outro lado, não ter os apoios suficientes para poder andar “sempre em frente, sempre mais alto”.

Em todo o caso, e apesar de se deparar muitas vezes com dificuldades, na Quantunna o companheirismo é uma constante, constituindo o motor da sua convicção e do seu grande empenho na continuidade da sua existência.

Quantunna mista...

A música não é sexista!...

FÁTIMA CARDOSO



CORO DA CAPELA DA UC DUAS DÉCADAS DE ACTIVIDADES CULTURAIS E ESPIRITUAIS

O Coro da Capela da Universidade de Coimbra é uma associação cultural sem fins lucrativos, que comemorou o seu 20º aniversário no dia 8 de Dezembro de 2004. Na sua origem esteve um grupo de académicos ligados às acções desenvolvidas na Capela de S. Miguel, dirigida na altura pelo Padre Vaz Pinto. Este grupo nem sempre foi bem acolhido pela Academia, apesar de preencher uma lacuna evidente na sua intervenção cultural e espiritual.

Contudo, a força de vontade que impele todos os que acreditam naquilo que fazem e na validade das suas acções levou o grupo a trilhar o seu próprio caminho, impondo-se, lenta mas solidamente, no âmago do associativismo académico.

VOCAÇÃO PARA A MÚSICA SACRA

Assim, foi desde o início missão deste Coro, para além de assegurar a participação nas celebrações dominicais, colaborar na dinamização cultural da própria Academia, garantindo a sua participação em todas as celebrações académicas de cariz religioso, como a Bênção das Pastas ou o 8 de Dezembro, mas intervindo também activamente em actos puramente académicos, como os saraus, enriquecendo a vida cultural da Academia através da sua especificidade, ou seja, a divulgação e recuperação da música sacra.

O Coro tem assegurado, praticamente desde a sua fundação, a realização anual de um Concerto de Natal na Capela de S. Miguel, estendendo algumas vezes a sua acção pelas paróquias vizinhas.

Não admira, por isso, que façam parte do nosso repertório não só grandes nomes internacionais, mas também autores nacionais e mais especificamente locais, uma vez que a cidade de Coimbra foi durante séculos local de criação da melhor música sacra produzida em Portugal, nomeadamente no Mosteiro de Santa Cruz.

OUTRAS VOCAÇÕES

Durante estes vinte anos de vida, o Coro esteve entregue às mãos sabedoras do Maestro Paulo Moniz, que tem conseguido transmitir-lhe uma energia sempre renovada, apesar das dificuldades.

Esteve também sempre presente no espírito dos fundadores do Coro fazer desta instituição um espaço de socialização, onde os estudantes das diversas faculdades pudessem confraternizar e trocar ideias e onde, inclusive, pudessem coabitar actuais e ex-estudantes. Dando cumprimento a essa ideia, foi também objectivo do Coro alargar esse convívio e intercâmbio a pessoas de outras cidades e de outros países; por isso, desde os primeiros anos de vida, o Coro da Capela já cantou e confraternizou um pouco por todo o país, incluindo nos Arquipélagos da Madeira e dos Açores, visitando também outros países, como Espanha, França ou Itália, tendo inclusive actuado perante o Papa João Paulo II, em Dezembro de 2002, aquando da comemoração dos 700 anos da fundação da Universidade *La Sapienza*.

Com as diversas viagens, fortaleceu-se o espírito de grupo e a abertura para com diferentes pessoas e diferentes culturas, coisa nada desprecianda se tivermos em conta o mundo em que vivemos e o papel futuro que nele iremos ter, uma vez terminados os nossos estudos académicos. Nessas viagens, podemos incluir o acampamento anual, realizado após o *terminus* da época de exames e que vai variando a sua localização geográfica, alternando anualmente entre a praia e a montanha, onde, para além do indispensável aprofundamento do sodalício, se executa também um natural aprofundamento cultural, levado a cabo através de visitas aos diversos locais de interesse cultural e paisagístico das zonas contempladas. Desta forma, atrevemo-nos a desafiar todos os apaixonados da música e que queiram aprofundar essa paixão a juntarem-se a nós; no mínimo, podemos garantir camaradagem, fruição cultural e alguma diversão.

O convite está feito!

ESTUDANTES DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE EM COIMBRA HISTÓRIAS DE UMA ASSOCIAÇÃO

Após a independência, São Tomé e Príncipe, como as outras ex-colónias portuguesas, estava mais aberta ao modelo do leste europeu. Muitos dos nossos quadros actuais formaram-se em países de influência socialista. Contudo, no ano de 1984, Portugal foi o destino de um número considerável de estudantes são-tomenses.

Com a sua chegada, aumenta também o número de estudantes são-tomenses em Coimbra. Devido às condições em que foram recebidos pela embaixada e na cidade de Coimbra, constituíram em 1987 a primeira Associação dos Estudantes são-tomenses em Portugal. A data da criação foi uma mera formalização porque antes desta a Associação já funcionava como tal.

FUNDAMENTOS E ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO

Além de ter como objectivo o acolhimento dos estudantes são-tomenses, os fundadores tinham em mente o intercâmbio com outras comunidades e a divulgação da nossa cultura, daí a criação de um Grupo Cultural.

Como toda a pessoa colectiva sem fins lucrativos, também tivemos altos e baixos. Importa referir que mesmo durante os períodos de hibernação da Associação, o Grupo Cultural sempre se manteve activo. Foi e é através deste que a cultura são-tomense é conhecida em Coimbra e em Portugal.

A mudança de milénio revelar-se-ia de grandes conquistas para a Associação, que teve um importante papel no incentivo à organização de outras comunidades. Graças a isso, ainda hoje gozamos de uma imagem privilegiada.

Para dar continuidade ao trabalho das anteriores direcções, além das actividades que constituem a nossa agenda anual o Grupo Cultural da Associação fará a sua estreia no mundo do teatro e dará início a um Ciclo de (re)conhecimento da cultura S. Tomense, que envolverá literatura, cinema, música e demais manifestações culturais.

Este ano ainda, temos um projecto mais ambicioso: a realização do IV Encontro Nacional dos Estudantes São-tomenses, pela primeira vez na cidade de Coimbra. O último foi em 2002 e propomos retomar esta que é uma forma de congregar as diversas comunidades universitárias. Para este Encontro, escolhemos como tema “Bomu flogá cu xintidu”, que em português será qualquer coisa como “a brincar, a brincar vamos falar de coisas sérias”, pois analisaremos questões do nosso interesse particular. Talvez o ponto mais importante desta iniciativa seja a exposição inaugural, no âmbito do Ciclo, sobre figuras ilustres das nossas ilhas, em homenagem aos 30 anos da Independência. Para isto contaremos com o apoio da Reitoria da Universidade de Coimbra.

Com estas iniciativas, pretendemos que o ano de 2005 seja memorável no historial da Associação dos Estudantes de São Tomé e Príncipe em Coimbra!

A DIRECÇÃO DA AESTC
aestpcoimbra@gmail.com • aestpcoimbra.blogspot.com



EVOLUÇÃO HUMANA E CONSCIÊNCIA

Enquanto olha para esta página desenvolve-se uma miríade de processos: os fótons de luz incidem na sua retina, os sinais eléctricos resultantes circulam pelo nervo óptico e são enviados para regiões específicas do cérebro que permitem uma decodificação das imagens. Mas, ao olhar para a página está consciente dela, experienciando as imagens das palavras e das letras. Ao mesmo tempo, o seu significado pode invocar sentimentos, emoções ou pensamentos, que se desenrolam exclusivamente na sua mente. Essas experiências constituem a consciência: a vida subjectiva interior da mente.

COMPLEXIDADE DO CÉREBRO HUMANO

O cérebro humano é o órgão mais complexo que a ciência identificou até hoje. O cortex cerebral terá cerca de 30 mil milhões de neurónios e um milhão de milhões de conexões entre eles. Se contássemos as sinapses à taxa de uma por segundo, terminaríamos dentro de trinta e dois milhões de anos. Hoje é claramente assumido que o pensamento, incluindo o pensamento consciente, é o produto deste órgão complexo. Mas o cérebro não é um computador digital, não funciona como uma máquina lógica. Será mais parecido com um sistema de reconhecimento de padrões.

O cérebro e o conjunto de funções cognitivas que produz, nas quais se inclui a consciência, é objecto de vários domínios da investigação científica. Um assunto que no passado era tema exclusivo da filosofia. Segundo o dualismo de Descartes, mente e corpo eram duas realidades distintas, o que não se veio a confirmar (Damasio, 1995). O primeiro grande passo no sentido de uma abordagem científica da mente foi dado por Darwin, que sustentou correctamente que o cérebro humano evoluiu tal

como as mãos ou o queixo: todos os organismos e todas as suas partes evoluíram, sem excepção. Esta perspectiva constituiu então uma verdadeira ruptura, que não foi acompanhada pelos seus contemporâneos, como Wallace que, sem razão, excluía o cérebro humano da evolução. A conclusão de Darwin implicava ainda que a mente é o produto de um órgão biológico, um pressuposto base de toda a neurobiologia.

O QUE É A CONSCIÊNCIA?

De entre as funções complexas do cérebro, a consciência é a mais misteriosa e difícil de caracterizar (Damasio, 2000; Crick, 1994; Crick & Koch, 2005). A consciência é um produto da mente, altamente sofisticado, que constitui a base da nossa comunicação e relação com o mundo físico e social, tal como a entendemos. É também um produto privado, exclusivo de cada cérebro. A nossa percepção da consciência dos outros deriva da nossa experiência sobre o seu comportamento, incluindo o verbal, que nos leva a concluir serem basicamente como nós.

Mas o que é realmente a consciência?

António Damásio dividiu o problema em dois para o simplificar: o primeiro é o do “filme no cérebro”, a sucessão de acontecimentos externos e internos que o cérebro vai registando, sendo o segundo o problema do ‘eu’ (*self*). Aquela espécie de *show* multimédia no interior do cérebro, pela continuidade do fluxo de informação sobre os acontecimentos, possibilita a identificação de uma continuidade e estabilidade espaço-temporal que permitem a identificação do eu.

Gerald Edelman formulou uma outra hipótese para explicar a experiência consciente: a hipótese do núcleo dinâmico (Edelman

& Tononi, 2000). Esta resulta da actividade paralela coordenada por conexões recíprocas entre vastas regiões do cérebro, constituindo agregados de neurónios, ao nível do sistema tálamo-cortical, que ao manterem interacção por períodos superiores a centenas de mili-segundos permitem a formação de uma experiência consciente. Segundo esta hipótese, a consciência de um evento não ocorre antes de decorridos 300 mili-segundos, o tempo necessário para a activação de um destes agregados de neurónios.

CONSCIÊNCIA HUMANA E OUTRAS CONSCIÊNCIAS

Enquanto estas hipóteses sobre o que é a consciência vão sendo testadas, há outras questões igualmente interessantes a colocar. Como a de saber para que serve a consciência. Ou seja, porque evoluiu a consciência? O que implica outra questão relacionada: a de saber se somos os únicos seres conscientes na biosfera?

A maioria dos autores assume que a consciência tem vários níveis. Sabe-se que outros animais, além de nós, possuem estados de consciência, ainda que menos elaborados, como a consciência de si, do próprio corpo. Foi isso que demons-trou Gordon Gallup quando pintou uma mancha vermelha na sobrancelha de um chimpanzé, enquanto dormia. Ao acordar e olhar-se num espelho, o chimpanzé foi imediatamente inspeccionar com a mão aquela região do seu rosto que tinha algo diferente, evidenciando o seu auto-reconheci-mento na imagem do espelho. Os primatas são os primeiros candidatos à identificação de formas de consciência mais elaborada, não por estarem filogeneticamente mais próximos de nós, mas por partilharem connosco várias características, como cérebros grandes e complexos e uma ecologia social propícia ao reconhecimento individual e à acção consciente. Há outros grupos de animais a considerar por partilharem essas características, como os golfinhos. Se nós partilhamos com os outros primatas, filogenet-

icamente mais próximos, formas elaboradas de consciência, como a percepção dos estados conscientes dos outros, então elas terão surgido em um antepassado evolutivo comum. Se não, trata-se de algo exclusivo da nossa evolução, que tanto pode ter ocorrido há dois milhões de anos como há alguns milhares.

EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL

Uma das formas mais elaboradas de consciência é a noção de que não só somos conscientes, como os outros também são e que o seu pensamento é diferente do nosso. O simples pensamento “eu acho que ela pensa que eu gosto dela” envolve uma matemática complexa: significa que cada um de nós tem uma teoria sobre o funcionamento da mente dos outros. E naturalmente há teorias que são melhores que ou-tras. Este pensamento intencional, por óbvio que pareça, não nasce connosco. Desenvolve-se na criança, verificando-se um grande salto por volta dos quatro anos. Só nessa altura a criança adquire uma teoria da mente bem desenvolvida, ficando perfeitamente equipada para mentir. Não antes. Uma das hipóteses mais interessantes para explicar porque evoluímos esta consciência, é a hipótese maquiavélica de Richard Byrne e Andrew Whiten (Byrne, 1995). Segundo esta e como o nome sugere, o contexto social propicia a evolu-ção de formas de acção que beneficiam do facto de os acto-res serem capazes de calcular as trajectórias comportamentais dos outros actores e receptores do seu ambiente social. Esta capacidade de pensar o pensamento dos outros de for-ma independente constitui uma ferramenta fundamental da vida social, que estamos constantemente a utilizar, quando pensamos consci-entamente nos mais diversos aspectos das nossas vidas. Assim, segundo aqueles autores, foi a grande complexidade do ambiente social dos nossos antepassados evolutivos que favoreceu a evolução da mente complexa que possuímos, com especial incidência para a consciência. Esta faz principalmente falta no relacionamento social. Na

realidade, os indivíduos autistas, que têm uma conhecida falta de capacidade de relacionamento social, revelaram ter uma teoria da mente muito rudimentar. Por outro lado, quando comparamos a dimensão relativa do neocortex dos vários primatas com o tamanho dos grupos sociais, verificamos que quanto maior o grupo maior o neocortex.

SINGULARIDADES DOS ESTUDOS SOBRE A CONSCIÊNCIA

Apesar disso, não sabemos se outros primatas são dotados de uma teoria da mente. Estudos recentes com chimpanzés apresentam resultados equívocos. Circunstância agravada por não podermos recorrer à linguagem para comunicar. Assim, a questão de saber se estamos ou não sozinhos na biosfera, quanto a esta característica, permanece em aberto.

A investigação científica da consciência apenas está no início, já que só recentemente dispusemos de instrumentos que nos possibilitam olhar para o cérebro em funcionamento, de forma não invasiva. Esta investigação irá certamente intensificar-se nos próximos anos. A tarefa de elucidação do que é a consciência será árdua. Mas será, sem dúvida, uma tarefa da ciência.

• PAULO GAMA MOTA
Museu Nacional da Ciência e da Técnica Doutor Mário Silva
Departamento de Antropologia da FCTUC

Referências bibliográficas:

- BYRNE, R.** (1995). *The thinking ape. Evolutionary origins of intelligence*, Oxford: Oxford University Press.
- CRICK, F.** (1994). *The astonishing hypothesis. The scientific search for the soul*, New York: Charles Scribner's Sons.
- CRICK, F. & KOCH, C.** (2005). *What is the function of the claustrum?* Philosophical Transactions of the Royal Society of London B, DOI 10.1098/rstb.2005.1661.
- DAMASIO, A.** (1995). *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- DAMASIO, A.** (2000). *O sentimento de si*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- EDELMAN, G. & TONONI, G.** 2000. *A universe of consciousness: How matter becomes imagination*. New York: Basic Books.



20 LARGO



Um conjunto de circunstâncias levou a que confluíssem, neste número da *Rua Larga*, quatro textos que dão corpo a um panorama muito singular sobre as Artes em Coimbra. Com a noção de que se trata de uma abordagem peculiar, já que reunimos diferentes perspectivas, tempos e modos, apresentamos um pequeno dossiê. Nele, poder-se-á encontrar: uma aproximação ao teatro, com um texto de Isabel Nogueira que apresenta a resenha dos espaços teatrais de Coimbra, do século XIX aos nossos dias; uma ideia de cinema de Paulo Granja, patente na história do cineclubismo na cidade; uma visão pessoal do posicionamento das artes plásticas, da autoria de Telo de Moraes; finalmente, um pauta musical com a história do Jazz ao Centro, por Rui Paulo Simões.

A Alguns espaços teatrais em Coimbra: do século XIX aos nossos dias

Ao longo do século XIX, incrementou-se em Portugal uma sociedade burguesa com vivências culturais e sociais nas quais se incluiu, em larga medida, o teatro. Os melhoramentos empreendidos com a Regeneração facultaram a circulação de companhias teatrais e de repertórios, muitos de reconhecido mérito, tornando-se factores importantes para a tendência profissionalizante do teatro. Em Coimbra, as “récitas de despedida” contribuíam, à sua maneira, para o desenvolvimento da arte de representar. Debrucemo-nos, de modo breve, sobre alguns dos espaços teatrais mais proeminentes da cidade, vários deles já desaparecidos.

Teatro Académico

No século XIX, a representação teve lugar em diversos locais, muitos deles improvisados. O teatro aparecia em casas particulares, em barracões e em alguns dos entretanto extintos colégios universitários. Segundo José Pinto Loureiro: “(...) em diversos barracões de modesta aparência se exibiram reportórios por vezes extensos, de certa responsabilidade e de apreciável nível artístico”. O Teatro Académico funcionou no desaparecido Colégio de S. Paulo Apóstolo, espaço da actual Biblioteca Geral. Foi inaugurado a 24 de Junho de 1839 com *A nódoa de sangue* e *Boda em trajes de frasqueira*. O edifício

foi fechado e demolido, em 1889. Em 1861, fundava-se o Club Académico, que acabaria por se fundir com a Academia Dramática, denominando-se Academia Dramática de Coimbra. Esta fusão daria origem à Associação Académica, em 1887.

Teatro D. Luiz I

O Teatro D. Luiz I ocupou o lugar da desaparecida Igreja de S. Cristóvão e foi uma das mais importantes casas de espectáculo do seu tempo. O edifício foi inaugurado a 22 de Dezembro, com *O dia da redenção* e *O qui pro quo, ou os efeitos da ausência*. Com o decorrer dos anos, evidenciava-se a necessidade de reformas. Borges de Figueiredo, contemporâneo deste espaço, deixou-nos o seguinte depoimento: “O teatro não é muito pequeno, mas defeituoso, desprovido de elegância, e as suas dependências são muito acanhadas”. O edifício foi adjudicado com o intuito de se construir um novo teatro, o Teatro Sousa Bastos, homenageando o empresário, dramaturgo e jornalista. Monteiro de Figueiredo fez o projecto de remodelação.

Teatro Sousa Bastos

Na *Gazeta de Coimbra* pode ler-se: “Foi-nos permitido visitar o Teatro Sousa Bastos, cuja inauguração se fará, provavelmente, no fim da próxima semana. É uma bela casa de espectáculos que honra Coimbra”. Um pouco

depois, voltou a escrever-se no mesmo periódico: "É, incontestavelmente, um dos mais bonitos teatros do país". O teatro abriu ao público a 15 de Junho de 1914 com a *A Rainha das Rosas*, pela Companhia do Teatro Avenida, de Lisboa, da qual fazia parte Palmira Bastos, viúva de Sousa Bastos. Em Outubro de 1914, anunciava-se o animatógrafo. Em 1946, foi aprovado o projecto de remodelação do edifício, de A. Freitas. O espaço acabaria por acusar um elevado grau de degradação, para o que também poderá ter contribuído a sua localização numa zona acanhada e de difícil acesso a viaturas de grande porte, fundamentais para o transporte de equipamento cénico. Encerrou em 1989.

Teatro-Circo Príncipe Real

Teatro Avenida

O desaparecido Teatro-Circo Príncipe Real, na Avenida Sá da Bandeira, abriu a 23 de Julho de 1892. Segundo Sousa Bastos: "Tem este teatro muito cenário, já pela dotação da casa, já pelo que todos os annos se faz

para as recitas do 5.º anno jurídico, para varias revistas, etc. (...) Teem alli representado todas as companhias de Lisboa e Porto". Em 1910, passou a designar-se Teatro Avenida. Em 1929, Joaquim Câmara reformou o interior. O Teatro Avenida foi um espaço cultural proeminente. O edifício foi entretanto destruído, erguendo-se o Centro Comercial Avenida.

Cine-Teatro Tivoli

O Cine-Teatro Tivoli, inaugurado em Março de 1929, foi vocacionado para o cinema, deixando o Teatro Avenida de possuir a exclusividade dos filmes. O Tivoli encerrou as suas portas já nos finais do século XX, dando também lugar a um espaço comercial.

Espaços teatrais nos nossos dias

O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) é parte integrante das instalações académicas da Universidade. Foi projectado por Alberto José Pessoa e inaugurado a 9 de Setembro de 1961 com *Antígona*, de Sófocles, levada à cena pelo TEUC, dirigido por Paulo Quintela.

O TAGV tem vindo a desempenhar um papel de relevo na vida cultural e artística da cidade. Em 28 de Outubro de 2002, inaugurou-se a Oficina Municipal do Teatro e prevê-se a abertura breve do Teatro da Cerca de S. Bernardo. Trata-se de espaços sem palco "à italiana" e transformáveis. *O Teatrão* e *A Escola da Noite*, respectivamente, serão as companhias residentes.

Para finalizar esta breve resenha, resta referir que, até à presente data, e provavelmente fruto de adversidades de vária ordem, Coimbra não possui um Teatro Municipal. Um teatro municipal é um dos barómetros culturais e artísticos de uma cidade e, apesar dos diferentes espaços de valor de que a cidade dispõe, nenhum oferece as condições necessárias para a realização de praticamente todo o tipo de espectáculos, com diversas necessidades e complexidades. Um teatro municipal pertence à cidade e interage com ela.

ISABEL NOGUEIRA
 Historiadora do Departamento de Cultura da CMC
 FLUC
 Colaboradora do CEIS 20



Imagem do desaparecido Teatro Avenida, na Avenida Sá da Bandeira, da autoria de Hans Dickel. O teatro foi inaugurado em 1892 com a denominação de Teatro-Circo Príncipe Real. Fotografia da década de vinte, Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra.



Fachada Art Déco do desaparecido Cine-Teatro Tivoli, na Avenida Emídio Navarro, inaugurado em Março de 1929. Fotografia de cerca de 1990, Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra.

cineclubismo em Coimbra (1945-1952)

Coimbra foi desde cedo uma cidade onde se cultivou, em moldes associativos, o cinema como arte. Desde a proposta de criação do Círculo de Cultura Cinematográfica ao recente Fila K Cineclube, passando pelo Clube de Cinema de Coimbra e pelo Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra, foram as associações onde se cultivou, para citar a expressão de J.-L. Godard, o “amor pelo cinema”.

Limitar-nos-emos aqui a referir as origens dos cineclubes que surgiram em Coimbra entre 1945, data da primeira proposta de criação de um cineclube, e 1952, quando foi criado um novo clube, com a designação de Círculo de Cultura Cinematográfica – Cine-Clube Universitário de Coimbra.

Círculo de Cultura Cinematográfica

Foi em Agosto de 1945 que Rui Barbosa, então estudante de Direito na UC, propôs, na revista *Filmagem*, “a criação dum Círculo de Cultura Cinematográfica nos moldes do Círculo de Cultura Musical. Seriam promovidas sessões com os maiores filmes concebidos desde os tempos do ‘mudo’, algumas

acompanhadas de conferências ou esclarecimentos por homens de cinema idóneos, ou de filmes cujo fraco valor comercial atemorizasse os empresários, etc.”. A ideia apenas se viria a concretizar em Fevereiro de 1947, por iniciativa de Rui Grácio, Cardoso Rodrigues, José Fernandes Fafe, Pedro Lousada e Rui Barbosa. Este último começara, entretanto, a escrever crítica de cinema em revistas como a *Vértice* e o *Mundo Literário* e em jornais como a *Gazeta de Coimbra*. Seria precisamente neste jornal que, com Pedro Lousada, assinaria vários artigos, em Janeiro e Fevereiro de 1947, explicando os objectivos dos cineclubes antes de propor a “formação de um clube de cinema em Coimbra”. A finalidade deste seria, como se podia ler numa nota da *Gazeta*, semelhante à de “todas as organizações deste género: a educação do público. Apático, o público vive numa aceitação completa de todas as baixezas artísticas”. Este objectivo conseguir-se-ia “através da projecção de obras célebres na história do cinema, antecedidas quando [...] necessário de curtas palestras preparatórias”, e estaria prevista a exibição, para os sócios, de: *Fantasia* (Walt Disney, 1940); *A Caminho do Paraíso* (Wilhelm Thiele, 1930); *Metropolis* (Fritz Lang, 1927); *Luzes da Cidade* (Charles Chaplin, 1931); e *Um João Ninguém* (Frank Capra, 1941), entre outros. Tendo sede na Rua da Fanga, as inscrições estariam permanente-

mente abertas na delegação de *O Primeiro de Janeiro*, em Coimbra. A sua primeira sessão cinematográfica, com a projecção, na tarde de 8 de Fevereiro de 1947, de *Casa-mento Escandaloso* (George Cukor, 1940), no Teatro Tivoli, seria assim, segundo Rui Barbosa, “a primeira matinée em Coimbra em que a ideia de um clube de cinema estaria presente”.

O Círculo de Cultura Cinematográfica não teria, no entanto, vida longa. O Clube terá sido forçado a fechar as portas em circunstâncias obscuras, em finais de 1947, muito provavelmente na sequência da prisão pela PIDE, em Abril de 1947, de Rui Grácio, membro da Comissão Central do MUD Juvenil.

Secção de Cinema - Centro de Estudos Cinematográficos

Entretanto, era criada nesse mesmo ano, na AAC, a secção cultural que viria a dar origem ao Centro de Estudos Cinematográficos, prova da importância que os estudantes começavam a atribuir ao cinema. Desde 1945 — ano de grande agitação política na Academia, com a eleição e tomada de posse da Direcção-Geral presidida por Salgado Zenha — que tinham começado a publicar-se alguns artigos no jornal *Via Latina*, chamando a atenção para a importância que poderia ter o cinema no ensino universitário. Após as

primeiras eleições regulamentares para a DG-AAC, a 26 de Fevereiro de 1947, o representante da Faculdade de Direito, António Carmona e Lima, propunha a criação de um “Cinema Académico” na Faculdade de Letras. A proposta acabaria por ficar consagrada na alteração dos Estatutos da AAC de 1948, com a criação da Secção de Cinema (que seria então considerada a primeira secção cultural da AAC), chegando-se mesmo a sugerir a construção de uma sala para a projecção de filmes nos futuros edifícios da Cida-de Universitária.

A primeira iniciativa da Secção de Cinema realizar-se-ia em Outubro de 1947, sendo as sessões projectadas no Teatro Avenida. Nos anos seguintes, a secção continuaria, embora nem sempre com a regularidade desejada, as suas projecções neste teatro, tendo sido exibidos, entre outros, *O Terceiro Homem* (Carol Reed, 1949) e *O Sétimo Vêu* (Compton Bennett, 1945). No início dos anos 50, a secção contaria com destacados colaboradores, entre os quais Luís de Pina, futuro director da Cinemateca Portuguesa, mas mesmo assim apenas conseguiria projectar sessões isoladas. Esta irregularidade na programação ficaria aparentemente a dever-se a uma “excessiva descentralização estatutária do Conselho Cultural” e à falta de uma sala de exibição própria de que a secção pudesse dispor em permanência para as suas sessões. Moura Guedes, presidente da DG-AAC em 1953, revelava mesmo que, por isso, dava-se “o facto curiosíssimo de termos uma óptima

máquina de projecção que de nada nos serve...”. A Secção passaria a designar-se por Centro de Estudos Cinematográficos apenas em 1958, ano a partir do qual as suas actividades ganhariam uma maior regularidade.

Clube de Cinema de Coimbra

Em 1949 nascia, aparentemente das cinzas do Círculo de Cultura Cinematográfica, o Clube de Cinema de Coimbra, dirigido, entre outros, por Rui Barbosa, Júlio Sacadura e José Carlos Cardoso. O novo cineclube propunha-se “desenvolver o gosto pelo conhecimento e estudo das coisas relativas à arte cinematográfica...”, mas realçava, lembrando-se provavelmente do fim do Círculo de Cultura Cinematográfica, que pretendia estudar os aspectos que “mais directamente se prendem com a natureza peculiar desta manifestação artística, esquecendo porém os que, como arma política, tantas vezes suscita, pois não é esse um elemento essencial da arte cinematográfica”. Júlio Sacadura justificaria mais tarde a criação do novo clube com a seguinte declaração:

“O cinema, como nova forma de expressão artística, possui hoje uma importância que só encontra paralelo na literatura. Todo aquele que se diga ou queira tornar-se um homem culto, não pode deixar de conscienciosamente ‘ver’ cinema. Um velho preconceito contra o cinema, derivado de anacrónicas fórmulas, tem levado à omissão do seu estudo nas estéticas, histórias da arte e livros de cultura artística geral (...)”.

Na sua primeira sessão, a 2 de Abril de 1949, o Clube de Cinema exibiria *Carnet de Baile* (Julien Duvivier, 1937). Seguir-se-iam, entre outros, *O Mundo a seus pés* (Orson Welles, 1941) e *Hotel do Norte* (Marcel Carne, 1938).

Círculo de Cultura Cinematográfica

Em finais de 1952, talvez por inactividade da Secção de Cinema da AAC, seria criado um novo clube, com a designação de Círculo de Cultura Cinematográfica – Cine-Clube Universitário de Coimbra. A iniciativa partiu de “um grupo de rapazes da UC a quem o Centro Universitário da Mocidade Portuguesa confiou a ingrata tarefa de criar e dirigir um clube de cinema”. O grupo, de que também terá feito parte Luís de Pina, pretendia utilizar o “excelente teatro da nova Faculdade de Letras” para as suas sessões. Impossibilitado, porém, de o fazer, o clube tivera de alugar uma sala de espectáculos, abrindo à população coimbrã uma iniciativa que, no começo, se queria manter “em ambiente estritamente universitário”. A primeira sessão realizar-se-ia a 11 de Dezembro de 1952, com a projecção do filme *Amor 47* (W. Liebeneiner, 1947) e uma palestra do crítico de cinema do *Diário da Manhã*, Manuel Moutinho.

Três anos mais tarde, iria realizar-se na mesmíssima cidade de Coimbra o I Encontro Nacional de Cine-Clubes, do qual esperamos poder falar-vos numa futura oportunidade.



Coimbra e as Artes Plásticas

Há quase seis décadas que, vindos de Viseu, onde havíamos nascido, nos radicámos em Coimbra. Desde esse mês de Setembro de 1946 quantos acontecimentos de menor ou maior importância ocorreram nesta cidade, à época considerada a terceira do país. Quantas pessoas simples, quantas figuras de prestígio local, nacional do mais alto nível, desapareceram deste nosso mundo. Tantas delas que perderam na memória colectiva pelo valor alcançado nas mais diversas actividades do labor humano. Felizmente que, desde então, outras personalidades granjearam justo relevo, merecedor de grata admiração. Não valerá a pena recordar que a urbe desde

cedo, desde muito cedo, palco de conquistas e reconquistas, foi terra de artes de grande qualidade, e mais tarde enriquecida quando nela se estabeleceram famosos autores da pintura e da escultura, parte deles estrangeiros.

Mas deixemos para trás tudo o que de bom e também de mau, até de bastante mau, sucedeu, a fim de nos cingirmos à arte moderna e sobretudo contemporânea, entre muros.

Artes esquecidas

Escrevemos em 1978, a propósito de uma exposição levada a efeito no Museu Machado de Castro: "... Coimbra, a Lusa-Atenas das

Leis, das Ciências e das Letras, que não das Artes...". Referíamo-nos ao alheamento da Universidade no que respeita à modernidade artística.

Da nossa autoria, saíram artigos de fundo no *Diário de Coimbra* com os seguintes títulos e datas: "Museu de Arte Moderna – Sonho Realizável" – 5 de Janeiro de 1974, "Corpo e Espírito" – 2 de Fevereiro de 1974, "Arte e Sociedade de Consumo" – 24 de Fevereiro de 1974.

Se o Museu de Arte Moderna (no sentido de Contemporânea) que ambicionávamos em Coimbra foi para Serralves, ainda bem, porque tal Fundação, com todos os seus imóveis e colecções, constitui no panorama nacional e internacional uma referência de alta craveira, merecimento que se deve ao empenho das gentes, bem como ao saber e à clarividência dos seus responsáveis. Não admira, pois, que no dia 6 de Junho de 2005 tenha sido assinado um protocolo de colaboração para a programação do Pavilhão Centro de Portugal, entre a Fundação e a Câmara Municipal de Coimbra.

Todos sabemos que, em Lisboa, existe o Museu do Chiado – Museu Nacional de Arte Contemporânea, pleno de actividades e realizações. E em Coimbra?

No Museu Machado de Castro, a 17 de Março de 1983, preferimos uma palestra seguida de debate sob o título "Introdução à Arte

Moderna". Sob a égide da Câmara Municipal e sempre com a ajuda de excelentes colaboradores, comissariámos algumas exposições: "Pintura Portuguesa no Século XX" – 20 de Dezembro de 2001 a 27 de Janeiro de 2002, de que resta um livro/catálogo e na qual apresentámos ao público obras significativas de António Carneiro, Manuel Jardim, Amadeo de Sousa-Cardoso, Vieira da Silva, António Dacosta, Luís Dourdil, Júlio Pomar, Lourdes Castro, Jorge Martins, Eduardo Batarda e Graça Morais. No Edifício Chiado, e no decurso de *Coimbra 2003, Capital Nacional da Cultura*, comissariámos igualmente "Pintura Portuguesa Contemporânea nas Coleções Particulares de Coimbra", também com livro/catálogo, mostrando oitenta e oito artistas, cronologicamente organizados por idades que abrangiam o século passado e equitativamente distribuídos por cinco exposições. Por aquele espaço municipal passaram ainda, em mostras individuais, Eduardo Nery, Gil Teixeira Lopes, Matilde Marçal, Sara Maia, Cruzeiro Seixas, António Viana, Maria João Franco, Filipe Marques, Rui Pimentel, etc.

Alterações no panorama

Seria negar a evidência não admitir que, desde aquela época de penúria, o panorama artístico de Coimbra mudou de forma, se não radical, pelo menos deveras satisfatória. Agora não são só a extinta sala de *O Primeiro de Janeiro*, na Rua Ferreira Borges, e o Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra, sempre na crista da onda, antes

sediado na Rua Castro Matoso, sob a direcção de Valdemar da Costa e depois de Túlia Saldanha, e presentemente no topo do Jardim da Sereia, conduzido com competência e critério inovador por Victor Diniz.

Actualmente são várias as galerias que oferecem quantidade e, reconheça-se, a qualidade de alguns jovens de ambos os sexos que, compreensivelmente, esperam pela benesse do *marketing*.

Hoje já temos um Departamento de Arquitectura na FCTUC e a Escola Universitária de Artes de Coimbra (EUAC – antiga ARCA). No decurso de uma recente palestra-conversa, tivemos ensejo de apreciar *in loco* o óptimo nível de produção e o real interesse dos respectivos alunos.

Marco que também anima a cidade e a coloca em plano nacional é o Centro de Artes Visuais (CAV), cuja programação se deve ao esclarecido e dinâmico responsável, Albano da Silva Pereira.

Hoje também estamos informados de que a Universidade de Coimbra, parceira de *Coimbra 2003, Capital Nacional da Cultura*, está fortemente interessada, conforme há tanto se espera, em tomar a seu cargo o ensino das Artes, pelo que nomeou uma comissão com capacidade para conseguir concretizar tão elevado fim.

Para terminar, recordamos que em Coimbra, através do desenho humorístico e da caricatura, intervieram dois fundamentais introdutores do modernismo – Correia Dias e Christiano Cruz, e que Almada Negreiros,

cerca de cinco décadas após, criou o painel no edifício da Faculdade de Matemática, obra de admirável maturidade. Em Coimbra nasceram Manuel Jardim, cuja produção estudámos, Luís Dourdil, Jorge Pinheiro, Eduardo Batarda, Pedro Chorão, outros ainda, mas nenhum deles aqui se fixou e só fora se tornaram conhecidos na pintura portuguesa.

Para alegria nossa, quebrou a regra um dos maiores artistas actuais, pintor, *performer*, cantor e vídeo-criador: António Olaio, licenciado em Artes Plásticas/Pintura, pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1987 e professor no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, tendo apresentado, em 2000, dissertação de doutoramento, construída a partir da obra de Marcel Duchamp. Se for oportuno, dele falaremos mais tarde.

Segundo o nosso critério, José Gil no seu retumbante livro "Portugal, Hoje – O Medo de Existir" tem alguma, mesmo muita razão, mas não a tem toda.

E, para o provar, Coimbra terá o seu Museu de Arte Contemporânea.



Centro do Jazz



A coexistência entre a história e a modernidade tem vindo a sofrer um incremento digno de registo. Com efeito, têm vindo a multiplicar-se as manifestações culturais, de forma a, sem renegar o legado da história, afirmar o nosso tempo como uma época de criação artística renovada e continuada. Foram estes os propósitos que nortearam a criação do JACC – Jazz ao Centro Clube. Fruto de uma vontade colectiva, e em articulação com o Hot Clube de Portugal, tentou fundar-se em 2001 um clube de jazz em Coimbra, com o objectivo de criar não só um espaço com concertos regulares, mas também uma escola dedicada a esta estética musical.

Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra

No ano seguinte, e no âmbito do programa de acção do Centro Norton de Matos (CNM), foi possível estruturar um Festival de

Jazz no âmbito da *Coimbra, Capital Nacional da Cultura 2003*. De imediato, os contactos foram implementados para estruturar o projecto que o CNM se propunha levar a cabo. Com a colaboração da Trem Azul, foi possível dar corpo a um evento no âmbito do Jazz, de uma dimensão sem precedentes na região, sob a forma de um conjunto de 24 concertos bi-mensais, entre Janeiro e Dezembro de 2003. Assim, os 1^{os} Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra foram apresentados a 30 de Novembro de 2002 no CNM, com um programa estruturado em concertos duplos (6^a e sábado), complementados com sessões didácticas dirigidas às escolas básicas e secundárias, bem como por um conjunto de seminários dirigidos aos estudantes de música da cidade, designadamente do Conservatório de Música de Coimbra. Embora com todas as vicissitudes que a programação de um evento desta dimensão acarretava, designadamen-

te no que diz respeito à antecedência da programação, os *Encontros 2003* pretendiam com este calendário fidelizar um público que desta forma teria acesso de uma forma regular e continuada a esta estética musical.

Estruturação da continuidade

Entretanto, e em resultado de toda esta dinâmica, ficou claro que estas actividades deveriam ser levadas a cabo por uma estrutura que se dedicasse em exclusivo à promoção e divulgação do jazz, sob a forma de um clube com forte intervenção cultural. Neste contexto e com estes propósitos, nasceu o JACC – Jazz ao Centro Clube, constituído em escritura pública a 30 de Abril de 2003. Fruto da dinâmica entretanto adquirida promoveu a 7 de Maio um concerto de apresentação do clube no Teatro Académico de Gil Vicente com o “Camouflage Trio” de Steve Lehman. O JACC quis assim marcar o seu início de actividade, criando uma relação de cumplicidade estreita com os seus membros, gravando este concerto e oferecendo o CD respectivo a cada um dos espectadores desse momento pleno de significado para todos. Este fonograma, o primeiro com o selo JACC, viria mais tarde a ser considerado pela crítica especializada mundial como um dos discos do ano de 2004. Logo em seguida, e recebendo desta forma a confiança de outros promotores institucionais, organizou em parceria com o Centro Cultural de Belém o concerto da “Dave Holland Big Band” (13

músicos) no Paço das Escolas da Universidade de Coimbra, a 19 de Julho de 2003, o qual se traduziu num retumbante êxito. Esta iniciativa foi uma prova do reconhecimento pelo trabalho realizado até então pelo JACC, constituindo uma marca de excelência nas realizações do clube, num cenário ímpar e com o apoio da Universidade de Coimbra. Mas importava ir mais além. E assim, apesar dos Encontros 2003 continuarem o seu percurso (conquistando uma notoriedade e um reconhecimento crescentes por parte da crítica e da comunicação social em geral), o clube chamou a si a realização dos Encontros 2004, bem como a necessidade de um espaço que funcionasse não apenas como sede física do clube, mas também como um verdadeiro clube de jazz, com concertos regulares e um espaço de convívio entre músicos e os seus ouvintes. Neste sentido, surgiram as 6^{as}. feiras que o JACC levou a cabo desde Dezembro de 2003, privilegiando as formações e os músicos nacionais, permitindo assim um contacto mais directo com os diferentes projectos na área do jazz em português. O ano de 2004 foi dedicado à consolidação de todo o trabalho entretanto levado a cabo, designadamente no que respeita à realização dos Encontros 2004 (a partir desse ano efec-

tuados em dois momentos distintos), dos concertos didácticos e *workshops* nas escolas, bem como de todo um conjunto de concertos regulares realizados pelo JACC ou em parceria com outras instituições.

Actividades em curso

A actividade do JACC em 2005 tem sido intensa. A realização da primeira parte dos Encontros 2005, realizada em Junho com assinalável êxito, teve como ponto alto a criação de uma orquestra onde dez músicos convidados puderam trabalhar intensivamente com Adam Lane, contrabaixista e orques-trador americano conceituado, apresentando o resultado deste *workshop* no concerto final de 4 de Junho. Em simultâneo, foi lançado o primeiro número de *Jazz.pt*, uma revista temática bimestral, com a qual o JACC pretende colmatar uma lacuna no panorama editorial nacional. Cumulativamente, co-organizou o Injazz, um festival que decorreu em diversas localidades do país (Évora, Faro, Alcobça, Vila Nova de Famalicão, Aveiro, Montemor-o-Velho), num esforço efectivo de divulgação e descentralização de eventos desta natureza. Em jeito de reconhecimento do trabalho entretanto realizado, o projecto JACC foi convidado a integrar a programação

de *Faro 2005*, *Capital Nacional da Cultura*, como forma de testemunhar o trabalho frutuoso realizado no âmbito do Jazz e integrante da *Coimbra 2003*. Os contactos internacionais são igualmente importantes, pelo que, para além do contacto regular com críticos e jornalistas especializados espanhóis e franceses, está em curso a promoção de diversos projectos musicais, dando assim a conhecer a música feita em Portugal e em Espanha.

Contribuindo para a evolução e inovação do nosso património musical, numa dinâmica de fusão e de interacção, promoveu o clube um conjunto de experiências conducentes a uma possível renovação da canção coimbrã, criando para tal as sinergias conducentes a uma abordagem num âmbito de convergência destas estéticas, cujo resultado se aguarda com justificada expectativa.

Todo o percurso do JACC, ainda curto mas rico e pleno de realizações, assenta no pressuposto de que a música pode (e deve) fazer parte da nossa identidade cultural. De uma forma plural e substantiva, com critérios de fruição e de conhecimento claros e objectivos. Se esta é uma música para elites, cabe-nos a nós ajudar a construir uma enorme elite, da qual todos façam parte...

RUI PAULO SIMÕES
Jazz ao Centro

Adam Lane

Bernardo Sasseti

Joe Mcphee

Steve Swell





Na história de Jorge Veiga há vários factos únicos. Um deles remete-nos para a época em que era um estudante de Ciências Matemáticas na Universidade de Coimbra que decidiu (em plena década de 50), com um grupo de amigos, partir à boleia à descoberta da Europa. Outra singularidade digna de registo acontece na mesma Universidade onde cumpriu 20 anos consecutivos como vice-reitor – foi o único a conseguir tal proeza – atravessando vários mandatos de diferentes reitores, a braços com a pasta das Relações Internacionais.

As ligações, científicas e afectivas, com parceiros além-fronteiras valeram-lhe várias distinções. Destacam-se o doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Bristol, a nomeação como Cônsul Honorário de Cabo Verde, a condecoração com a Ordem de Leopoldo (concedida pelo Rei dos Belgas) e, mais recentemente, aquando da celebração dos 20 anos do *Coimbra Group*, foi agraciado como Grande Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada por Jorge Sampaio.

R•L *O papel mais visível que desempenhou na Universidade de Coimbra (fora da actividade docente) foi um “mandato” com a duração de 20 anos como vice-reitor. A que se deve esta “longevidade” no exercício das funções?*

J.V. Não constituí um mandato, mas direi antes que foram convites sequenciais para o exercício de funções de vice-reitor em cinco sucessivos mandatos completos e um incompleto dos reitores Rui de Alarcão e Fernando

Rebello.

Com o Prof. Rui de Alarcão, verificou-se uma continuidade de funções nos seus dois primeiros mandatos, em que exerci pelouros variados. Nos dois mandatos seguintes, penso que o Prof. Alarcão terá desejado manter o mesmo princípio da continuidade após a aprovação dos estatutos.

Com o Prof. Fernando Rebello terá funcionado, afinal, um princípio semelhante, pois tínhamos trabalhado juntos com o Prof. Alarcão.

Em ambos os casos, sempre me senti realizado universitariamente e, do meu ponto de vista, sempre foi pleno e sentido o relacionamento pessoal e institucional com qualquer dos reitores.

Claro que ao convite dos reitores se aliou a minha própria vontade de servir a Universidade, à qual sempre estive ligado a partir dos 18 anos, primeiro como aluno e depois como docente, até me aposentar.

R•L *Quais foram os marcos maiores na história desses 20 anos (em termos de vida universitária...)?*

J.V. Relativamente aos mandatos com o Prof. Alarcão, para além do envolvimento nas Relações Internacionais e cooperação europeia e intercontinental, poderei destacar as reuniões da Assembleia da Universidade para discussão e aprovação dos estatutos e o processo de apoio às Repúblicas dos Estudantes, que ainda que tendo obrigado a negociações e acções prolongadas, tiveram sucesso na preservação da sua identidade na nossa Academia. O arranque da extensão física da

universidade para os Pólos II e III foi outro dos marcos desses mandatos.

Durante o reitorado do Prof. Fernando Rebello, realço a consolidação da representatividade da Universidade de Coimbra nos grupos e redes internacionais, com a colaboração dos vice-reitores, dos pró-reitores e dos funcionários dos serviços académicos e administrativos inerentes, bem como dos docentes e não docentes das diferentes faculdades, com os quais se constituíram grupos de trabalho bastante dinâmicos.

R•L *Como é que um licenciado em Ciências Matemáticas, Doutor em Química, se vê envolvido na teia das relações internacionais?*

J.V. Para responder a esta questão, que particulariza o meu caso no que diz respeito à formação científica e percurso universitário, sou tentado a estabelecer relação com a minha vida de estudante na Universidade de Coimbra, ligada à AAC e às suas actividades. Como já disse noutros contextos, fui, nos anos de 1955 e 1956, um de entre uma meia dúzia ou dezena de estudantes que percorreram grande parte da Europa à boleia nas estradas, pernoitando em albergues de juventude. Assim fiquei enamorado pelo contacto com outros povos e pelas experiências internacionais.

De qualquer forma, entendo que a formação académica em qualquer especialidade científica não condiciona o gosto pela cooperação internacional. Todas as áreas são importantes para essa cooperação, além de desejáveis, em

particular numa Universidade com a dimensão, a história e o prestígio da de Coimbra.

R:L *Do seu vasto curriculum consta, entre muitos outros feitos, a fundação do Coimbra Group. Gostava que explicasse como nasceu a ideia e como é que o nome glosa Coimbra, se do grupo fazem parte universidades tão prestigiadas...*

J.V. Em 1985, Simon-Pierre Nothomb, à data responsável pelas Relações Externas da Universidade Católica de Lovaina, tomou a iniciativa de promover um encontro com representantes de um grupo de universidades com características especiais: serem antigas, completas no que respeita aos domínios de formação, vocacionadas para a internacionalização e sedeadas em cidades não-capitais. O seu objectivo era potenciar esse denominador comum, de modo a que cada uma delas pudesse beneficiar em termos de relações externas, com inevitável impacto na comunidade académica.

Na fase final desta primeira reunião, em que participei como vice-reitor num mandato do Prof. Rui de Alarcão, sugeri que a reunião seguinte tivesse lugar na UC. Foi no decorrer desta, e num momento em que me tinha ausentado da sala, que a proposta da designação *Coimbra Group* surgiu. Ao regressar e após ter manifestado a minha concordância em nome da Universidade, a proposta foi aprovada por unanimidade.

Neste ano de 2005, aquando da última Assembleia Geral em Coimbra, foi apresentada uma publicação coordenada pela vice-

-reitora, Professora Cristina Robalo Cordeiro, e organizada pelo serviço de Relações Internacionais, onde são incluídos vários testemunhos de professores e representantes das Universidades Europeias que participaram nas reuniões iniciais do Grupo, há vinte anos. Entre estes testemunhos, merecem especial relevo quanto a essa fase inicial do Grupo, os dos Doutores Simon-Pierre Nothomb e Doutor Peter Floor, das Universidades de Lovaina e Leiden, respectivamente, que foram doutorados *Honoris Causa* pela nossa Universidade.

R:L *Qual foi, ou é, no seu entendimento, a grande mais-valia deste Coimbra Group ou Grupo de Coimbra?*

J.V. Desde a sua criação (em 1985) até 1990, o objectivo inicial do Grupo de Coimbra foi-se desenvolvendo de modo algo informal, com o trabalho corrente a ser realizado por um Comité Directivo e com a discussão e aprovação de resultados a ocorrerem em reunião geral de representantes. A cooperação no ensino e a mobilidade de estudantes ganhavam gradualmente maior atenção. Estava-se no período da emergência do Programa Erasmus e daí o Grupo ter sentido que a sua composição e objectivos eram ideais para um uso criativo e proactivo desse Programa.

A partir de 1990, a diversidade de programas em que o Grupo se foi envolvendo, de modo a acompanhar a evolução e tendência internacionais, bem como a existência de uma gestão superior; não centrada numa Univer-

sidade, mas sim numa Comissão Directiva, com representantes eleitos em Assembleia Geral, que tem um gabinete-sede administrativo em Bruxelas, constituem, sem dúvida, mais-valias institucionais. Mas são igualmente mais-valias científicas, culturais e sociais para todos os professores e estudantes que neles participam.

Os reitores reúnem anualmente e de forma rotativa em sucessivas Universidades do Grupo, em simultâneo com a Assembleia Geral de Representantes, a fim de definirem a política de cooperação, após avaliação dos diferentes relatórios dos resultados obtidos anteriormente. Assim, as áreas de actuação são permanentemente renovadas e/ou redefinidas.

A existência de comités e grupos de trabalho para tarefas específicas do Grupo, com a participação de quase todas as universidades nos diferentes conjuntos desta estrutura e conforme seu desejo, é também uma boa prática.

A mais-valia do Grupo poderá ser ainda apreciada na perspectiva de que as universidades que o constituem são das mais prestigiadas e culturalmente desenvolvidas em cada um dos países europeus onde existem.

R:L *Como é que viveu a recente comemoração dos 20 anos deste “movimento”?*

J.V. Foi talvez a mais participada Assembleia Geral, pelo que a comemoração dos 20 anos mostra que a actual Reitoria, com o seu Serviço de Relações Internacionais, tem, neste contexto, desenvolvido uma actividade notá-



vel. A presença do Magnífico Reitor, Professor Fernando Seabra Santos, em grande número de reuniões internacionais das diferentes Re-des e Associações em que a Universidade de Coimbra participa, quer na Europa quer na América Latina, revela bem o seu continuado empenhamento na cooperação internacional.

A cerimónia dos doutoramentos *Honoris Causa* dos representantes que presidiram, durante os vinte anos passados, às Comissões Directivas do Grupo, com a presença do Senhor Presidente da República e do Senhor Ministro da Ciência e do Ensino Superior deixou, conforme me foi dado constatar, uma forte e positiva marca nos nossos parceiros do Coimbra Group.

R•L *Qual a sua opinião sobre os programas de mobilidade (de alunos e professores) que têm tido tanta adesão nos últimos anos?*

J.V. Os programas de mobilidade organizados pela Comissão Europeia, que tiveram início em 1986, constituem uma peça fundamental da cooperação interuniversitária internacional. As numerosas avaliações do processo e dos resultados desta parte do programa Erasmus dão inequívocas evidências da sua grande importância na formação dos graduados em todos os níveis do ensino superior.

Na nossa Universidade ainda não atingimos a percentagem de 10 por cento da mobilidade internacional para os alunos, que deverá ser calculada excluindo os do 1º ano. Serão

precisos mais apoios financeiros, para lá dos meios que são disponibilizados pelo agregado familiar de cada estudante em mobilidade.

A nível central (quer nacional, quer da União Europeia), os fundos para organização da mobilidade, disponibilizados para Agências Nacionais, são utilizados quase a 100 por cento.

Não tenho dados nacionais sobre a mobilidade de docentes. Contudo, no caso da Europa e no âmbito do programa Erasmus, essa mobilidade para o ensino tem valor percentual superior à dos alunos.

R•L *Como é que vê a implementação do Processo de Bolonha? Quais são os principais benefícios? E quais os entraves que acha que Bolonha vai ter, especificamente na Universidade de Coimbra?*

J.V. A Universidade de Coimbra vem, ao longo dos últimos anos, sendo parceira e protagonista em acções que se têm vindo a enquadrar no chamado Processo de Bolonha. Assim, desde o início, há mais de 12 anos, participou em diferentes áreas científicas no lançamento do ECTS, tendo sido escolhida como coordenadora do programa piloto a nível europeu, na área da Medicina. A implementação do sistema de créditos constitui um dos trabalhos de base do processo de Bolonha. A Universidade participou recentemente no programa *Tuning* para aspectos de desenvolvimento curricular.

Por outro lado, vem preparando o processo de concessão aos seus alunos do Suplemento ao Diploma, bem como tem sido sujeita a

processos de avaliação de qualidade externa dos seus cursos.

Penso que à medida que a informação for chegando a todos os intervenientes e, em particular, aos estudantes, com adaptações pontuais nas diferentes áreas de ensino no que respeita à duração dos ciclos de estudo e dos seus desejáveis financiamentos públicos, o benefício da convergência com os estudos superiores na Europa e no Mundo será apreciado favoravelmente.

Admito que os entraves que se apontam serão, assim, minimizados.

R•L *Do leque das suas actividades consta ainda o cargo de Cônsul Honorário de Cabo-Verde. Como é que se deu esta aproximação ao arquipélago irmão?*

J.V. Iniciei, em 1978, através da Faculdade de Ciências e Tecnologia, com o Professor Luís Albuquerque e a Professora Luísa Veiga, a cooperação no ensino em Cabo Verde. Essa acção constitui o embrião da implementação do ensino superior nesse país, através da criação do Curso de Formação de Professores do Ensino Secundário. Muitos docentes e investigadores da Universidade colaboraram e ainda o fazem, tanto na referida instituição de ensino como noutras entretanto estabelecidas naquele país africano.

Fruto da minha continuada colaboração, estendida, depois, a outros domínios, fui estabelecendo laços institucionais e também pessoais com dirigentes superiores cabo-verdianos ao longo dos anos.

Admito que este facto, reforçado pela

existência de uma numerosa comunidade estudantil de Cabo Verde que frequenta a Universidade e o Instituto Politécnico, terão certamente estado na base do convite que o Governo Cabo-Verdiano me dirigiu em 1991, para exercer funções de Cônsul Honorário em Coimbra.

É tarefa que desempenho com dever, empenho e amizade.

R·L *O Prof. Jorge Veiga recebeu-nos, para esta entrevista, na Fundação das Universidades Portuguesas, da qual é actualmente vice-presidente. Qual é a missão desta instituição?*

J.V. Na Fundação das Universidades Portuguesas (FUP), cuja sede é em Coimbra, exerço funções de vice-presidente do Conselho Geral, presidido pelo Professor Sérgio Machado dos Santos e constituído por todos os reitores das universidades que integram o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), pelo Presidente do Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), pelos comandantes da Academia Militar e da Força Aérea e pelo Comandante da Escola Naval.

A Fundação tem por missão executar os projectos e acções que o CRUP e as Instituições que a incluem entendam delegar-lhe, ressaltando como principal objectivo o apoio ao desenvolvimento académico e científico.

No momento são de destacar o programa da avaliação externa das Universidades Públicas e Privadas, do ISCTE, das Academias e da

Escola Naval, bem como o Programa de Cooperação (CRUP/FUP) com Timor-Leste no âmbito do ensino superior. Salienta-se também o apoio e financiamento a projectos de investigação científica no âmbito do programa "Oceano e Suas Margens", em parceria com o Ministério da Defesa Nacional.

A FUP dispõe ainda de um gabinete (PRELO) de apoio à comunidade académica portuguesa, que funciona em Bruxelas, como interface entre esta comunidade académica e a União Europeia.

R·L *Para finalizar, uma provocação: qual é, afinal, a química das relações internacionais?*

J.V. O falecido e meu grande mestre, Professor da Universidade de Coimbra, Doutor Fernando Pinto Coelho, que me entusiasmou em 1953, quando eu ainda era aluno de Química Geral no 1º ano dos Preparatórios de Engenharia, para que dirigisse os meus estudos para a investigação em Química Quântica, teve, então, uma expressão que jamais esquecerei: "A Química é uma Ciência que pode sujar o corpo, mas limpa o espírito".

Segui esse sábio conselho e, quem sabe, se não terá sido ele que me orientou no gosto pelas Relações Internacionais... É que a Química Teórica tem muito de organização e definição das estruturas da matéria e, em particular, da mente!

Entrevista de CLARA ALMEIDA SANTOS

O mundo à procura de



Ruben Andersen Leitão, ou simplesmente Ruben A., passou por Coimbra deixando um rasto surrealizante há cerca de quatro décadas. Voltou a passar em 2005, evocado em jornadas, imortalizado em edições, retratado numa exposição bibliográfica-documental que teve lugar na Biblioteca Geral. Para conhecer um pouco a personagem, a *Rua Larga* fez uma visita guiada com Ana Maria Machado (que comissariou a exposição), José Carlos Seabra Pereira (que assegurou a coordenação científica) e Jorge Pais de Sousa (curador da exposição). Dão voz a António Barros (direcção artística) as imagens destas páginas. Trata-se de uma viagem polifónica que agora encetamos.

Porquê Ruben A.?

[Jorge Pais de Sousa] • Em 2005 passam 30 anos sobre o desaparecimento de Ruben em Londres, numa altura em que ia começar uma nova dimensão da vida dele como professor na Universidade de Oxford. Há sempre um *leit motiv*, que é uma data. E a partir dessa data procurámos montar uma exposição e um conjunto de eventos diversificados.

[Ana Maria Machado] • Querendo ultrapassar este costume de comemorar autores, não queríamos que esta comemoração fosse um acidente no ano lectivo, mas que tivesse qualquer repercussão maior, inclusive no plano das edições. Qualquer coisa que perdurasse para além do catálogo, que perdurará. Mas já se venderam muitos livros. Já fizemos qualquer coisa do ponto de vista cultural da divulgação de um autor que consideramos meritório.

Tínhamos um plano de edições bastante diversificado. Além do *blog* (e aqui há que referir o empenho de dois estudantes universitários do 4º ano de Estudos Portugueses) há o catálogo, que funciona como complemento da fotobiografia da Assírio e Alvim. E também a publicação das actas das jornadas, como um livro de estudos sobre Ruben A.

Começando a desvendar um pouco da personagem do autor, há a questão dos vários nomes com que assina e que, no fundo, reflectem as diferentes vertentes da sua obra...

[José Carlos Seabra Pereira] • Sim, fundamentalmente são dois...

Ou três, a que eu acrescentaria um quarto, que é o A. do *Triálogo*. Ele no *Triálogo* é chamado pela lady inglesa e pelo Luís de Camões por A. Ele escolhe uma quarta via: assina como *Ruben Andersen Leitão* a parte historiográfica, *Ruben Leitão* para os artigos de jornal ou *Ruben A. Leitão*, e depois *Ruben A.* para a literatura, e nessa peça, como ele se apresenta é como A. Ainda há outra hipótese que é o *Ruben A Ruben A Ruben B...*

Mas essas são diferentes, são personagens. Há um jogo de alterónimos, não de heterónimos. Com dimensão verdadeiramente autoral temos o Ruben Andersen Leitão e o Ruben A.

Por falar em nomes, o próprio título da exposição bebe da obra do autor.

O mundo à minha procura é um livro de Ruben autobiográfico e como título da exposição demonstra essa vontade de divulgação que preside às iniciativas.

Logo à entrada da exposição, e dando-lhe início, uma peça vestibular remete para a passagem de Ruben A. por Coimbra.

É uma mesa exaurida. Do esforço da escrita.

Jogou-se muito com os elementos iconográficos da República fundada por Ruben em Coimbra nos anos da guerra. Chamava-se “Babaou, maison surréaliste”. Um dos elementos importantes dessa casa era, precisamente, uma mesa em “L”, que lá tinham. Foi muito feliz toda a cenografia da exposição, da responsabilidade do criativo António Barros, nomeadamente na escolha das cores, o preto, o branco e o vermelho, muito presente na iconografia da época e do próprio surrealismo, que a ultra-sensibilidade do António Barros conseguiu captar.

“A tragédia do escritor é que é preciso escrever melhor e melhor”, pode ler-se nesta mesa que serve também como porta de entrada na exposição.

Foi outra escolha feliz de uma frase retirada de uma entrevista que o Ruben deu em 1965 quando ganhou o prémio “Ricardo Malheiros” com a Torre da Barbela. Por outro lado, a vermelho, estão alguns dos repúblicos que fundaram a dita Babaou.

o teatro e o livro



marcas da ficção em ruben a.



- coimbra, 1949
- coimbra, 1950
- teatro] • londres, 1951
- romance] • coimbra, 1954
- coimbra, 1956
- coimbra, 1956
- lisboa, 1960
- coimbra, 1960
- lisboa, 1963
- lisboa, 1963
- lisboa, 1964
- lisboa, 1964
- lisboa, 1965
- lisboa, 1966
- lisboa, 1966
- lisboa, 1967
- lisboa, 1968
- lisboa, 1970
- lisboa, 1973
- lisboa, 1973



Há também a ideia de “girar a cabeça”, porque se pode ler a partir de várias posições e de vários ângulos. É precisa uma dinâmica física também...

Que agradaria ao Ruben, que além de jogador de ténis, de golfe, praticante de nataçã, queria era “dinamizar isto tudo”. E fazer andar à roda a cabeça dos portugueses que estava muito parada, tão parada que adormecia...

Ele profere essa frase numa conjuntura social e política muito específica, numa altura em que foi nomeado director-geral dos Assuntos Culturais em Portugal, já depois do 25 de Abril, no final de 1974.

O Ruben achava que o pior defeito dos portugueses, além do provincianismo mental, era a inércia. Ele tem aquela frase dos dias que vêm a chegar em que diz: “vou pôr não sei quantos despertadores a ver se eu também não adormeço, que o país está a dormir”. Ou a famosa frase sobre o neo-realismo e o Alentejo – que “o Alentejo dava porcos e neo-realismo e, 20 anos depois, continuava a dar porcos e neo-realismo”. Isso demonstra uma preocupação com o nosso mau estado de mentalidade socio-cultural, mais do que especificamente de regime político. Com certeza que a seguir ao 25 de Abril ele achou que tinha outras possibilidades ou que, pelo menos, deixávamos de ter álibis para continuar a dormir.

O que é curioso é que esta crítica que ele lança ao país, este repto, nós encontramos-lo no D. Pedro V, que é o seu grande objecto de estudo. D. Pedro V diz “o país está a dormir”. Há uma empatia muito grande entre o autor e o seu objecto de estudo histo-riográfico. Eu até diria uma certa fixação. Até determinada altura é monolítico e monotemático, do ponto de vista historiográfico.

A visão que ele tem do mundo é muito subsidiária da visão que D. Pedro V tem. Alguma sobrançeria em relação à mediocridade, a crítica, o desconforto.

O rei D. Pedro V reinou durante poucos anos, de 1865 a 1871...

E também teve uma morte precoce.

Sem poder dar conta na íntegra da passagem pelas peças que compõem a exposição – o sofá (peça também recuperada da iconografia surrealizante da república Babaou) onde se pode ver o próprio Ruben e ouvir a conferência “Prosa da Prosa”, num ecrã incorporado nas costas do sofá; a máquina de escrever, assente numa base de máquina de costura, onde Ruben A. escrevia e, simultanea-



mente, se exercitava, pedalando furiosamente pela escrita dentro; os artigos de jornal onde de certa maneira se estreou na escrita para o público; as primeiras edições das várias obras, historiográficas e literárias – paramos num livro, *A Torre da Barbela*.

É a obra-prima de Ruben. E é também onde há um cruzamento entre a formação do historiador e a imaginação do escritor. É um romance histórico tradicional, mas num uso surrealizante do género do romance histórico.

Talvez valesse a pena resumir a confluência de tempos que ali estão presentes...

Os senhores da Barbela, a família e seus parentes, morrem, mas têm uma sobrevida de noite, têm uma existência onírica. E os que estão verdadeiramente mortos são os vivos! Com isso, arranjou um artifício que lhe permite percorrer a história toda de Portugal. Não se trata, naturalmente, de um romance histórico tradicional em que se começa no D. Afonso Henriques e se vem por aí abaixo... até porque eles convivem, de noite, têm os seus conflitos, as suas cumplicidades, os seus desejos. Esse é um primeiro nível de fantástico e depois, dentro desse ambiente geral, há outros aspectos surrealizantes porque podem conviver de noite gerações diferentes de Barbelas. Pode haver um cavaleiro medieval que tem uma relação amorosa intensa com uma prima que é uma parisiense do final do século XIX, *belle époque*... Por outro lado ainda, nos diálogos, há uma espécie de antecipação do pós-modernismo, porque há coisas interessantíssimas de humor, num jogo que desconstrói o próprio artifício. Em determinado momento, um personagem oferece a outro um cigarro e ele diz que é do século XVI e portanto não está muito habituado a cigarros. Noutros momentos, há notas eruditas.

Nesse registo desconcertante há também outro romance o *Caranguejo*, que tem a faculdade de se poder ler do fim para o princípio ou do princípio para o fim. Começa no capítulo X e vai recuando.

Sem nenhuma indicação ou instrução de leitura, a não ser a epígrafe que vai buscar a Shakespeare, ao Hamlet, que só aparece no final “if like a crab you could go backward”.

A exposição terminou em Coimbra. Mas continua em regime itinerante pelo país, tendo já passado pela Figueira da Foz e Montemor-o-Velho e com passagem prometida por outras paragens. Basta procurar Ruben A.

Narração de Clara Almeida Santos







escritor

Ruben



RUBEN
PROCEDIMIENTO

o mundo a mihi procura - ruben a. 18 años de p
si desp sobre el e de qd - ruben a. 18 años de p
MUNDO a. 18 años de p
MUNDO a. 18 años de p
MUNDO a. 18 años de p
MUNDO a. 18 años de p



- 1920 • Ruben Alfredo Andersen Leitão nasceu, em Lisboa, a 26 de Maio.
- 1940 • Matrícula no curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- 1942 • Pede transferência do curso para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Escreve no jornal *Via Latina*.
- 1946 • Professor de Francês na Escola Comercial Mouzinho da Silveira, no Porto.
- 1947 • Grau de Master of Arts no King's College, da Universidade de Londres. De seguida foi nomeado Leitor de Português no King's College.
- 1952 • Renunciou ao leitorado no King's College. Tornou-se funcionário da Lever Portuguesa.
- 1953 • Foi nomeado professor de História do Liceu D. João de Castro, em Lisboa.
- 1954 • Admitido como funcionário da Embaixada do Brasil em Lisboa, lugar que mantém até 1972.
- 1959 • É eleito sócio correspondente da Academia Portuguesa de História.
- 1964 • Publica o primeiro volume de *O Mundo à Minha Procura: Autobiografia*, e também o romance *A Torre da Barbela*, ao qual foi atribuído o Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências de Lisboa.
- 1969 • Passa a académico de número da Academia Portuguesa de História.
- 1975 • É convidado a exercer funções docentes, como professor associado, na Universidade de Oxford. A 26 de Setembro, vítima de um enfarte do miocárdio, morre no St. George's Hospital (Hyde Park Corner, Londres). No dia 8 de Outubro, e por desejo seu, é sepultado, em campa rasa, no cemitério do Carreço (Afife, distrito de Viana do Castelo).

Adaptado de "Cronologia Biobibliográfica", Jorge Pais de Sousa, *O Mundo à Minha Procura, Ruben A. trinta anos depois*.

"...é preciso escrever melhor e melhor - esta a tragédia do

Certas Palavras

João Paulo Moreira *

As palavras são o único bem que temos como certo.

William Butler Yeats

Contidas num poema de 1885 do grande poeta irlandês, as palavras transcritas em epígrafe foram um dia assumidas por um tal William Chester Minor, um quase desconhecido médico norte-americano que se tornaria num dos mais devotados servidores da causa das palavras que o mundo já conheceu.

Nascido no antigo Ceilão em 1834 e formado em medicina pela Universidade de Yale, W. C. Minor serviu como médico na Guerra Civil e fixou-se em Londres em 1871, já com sintomas da paranóia que em breve o levaria a cometer um assassinio absurdo e a ser encarcerado num manicómio até ao fim dos seus dias. Por volta de 1880 conhece Sir James Murray, grande responsável pelo arranque do Oxford English Dictionary, passando a integrar o grupo de leitores voluntários que, de todas as partes, faziam chegar aos editores informação vital sobre as mais antigas ocorrências das palavras da língua inglesa. Deste modo, a partir da sua cela forrada de incontáveis livros que devorava com infatigável zelo, Minor tornar-se-ia um dos mais destacados colaboradores do projecto monumental que foi o OED, retribuindo o gosto que nutria pelas palavras com uma dedicação e um sacerdócio proporcionais ao seu infortúnio.

Entendidas à luz desta tocante tragédia pessoal, talvez as controversas palavras acima citadas, eventualmente toleráveis à conta de exagero de poeta, não se afigurem, afinal, a atoarda que pareciam ser. Em todo o caso, há que imaginar Minor feliz.

Também eu gosto de palavras. Desde cedo que as quis contemplar de perto, decifrar, conhecer-lhes melhor a vida secreta. Foi provavelmente essa a razão de ter optado

pelos estudos de Filologia, quando tive que me decidir por um modo de vida. Intriga-me o poder de sedução da palavra, e por isso invejo à criança a surpresa inaugural com que se encanta ao ouvir palavras novas. É como se, nesse momento, nela se reencenasse o espanto ancestral perante o mágico poder evocativo que o verbo tem. Porque é exactamente como afirmou Ralph Waldo Emerson: “Toda a palavra foi, outrora, um poema”. Invejo igualmente quem sabe usar as palavras com um cinzelado lapidar. Ocorrem-me, entre autores dilectos, os nomes de Almeida Garrett, Alexandre O'Neill, Sophia Breyner Andresen, mestres, cada um, de um portuguêsíssimo estilo, apesar – ou tal-vez por causa – das respectivas raízes estrangeiras.

Gosto de palavras. Palavra que gosto. Gosto delas por dentro e por fora. Sobretudo quando o dentro e o fora, som/imagem e sentido, parecem fundidos em inapartável conúbio. Algumas conseguem, de facto, comunicar essa impressão de *mot juste*, de uma formulação absoluta e terminante (ou neces-sária, ou motivada, como dirão o filósofo e o linguista). É esse um mistério evanescente, quase religioso, que as palavras mal conseguem explicar. São assim em princípio, por sua própria natureza, as onomatopéias. Mas não só. Um exercício que por vezes proponho nas aulas consiste em convidar os alunos a partilhar as suas palavras favoritas, desafiando-os de seguida a procurar explicar o porquê da preferência. A razão nem sempre é inteiramente consciencializada, mas resulta óbvio que as mais das vezes ela passa por esse estranho mecanismo de vinculação paramnésica entre significado e significante, entre o nome e a coisa. Pessoal-mente, encontro essa aura de auto-evi-dência em palavras como ziguezague, suave, ou abenceragem. E talvez conse-guisse buscar explicações para tal, se não fosse mais

forte o desejo de que perma-neçam insondadas.

A quem as aprecie e saiba cultivar, conferem as palavras um precioso capital pessoal. E não menor é a sua importância no plano colectivo, enquanto suporte de uma cultura genuinamente radicada num espaço e num tempo determinados. Sinto uma secreta satisfação, por exem-plo, por não encontrar nos dicionários a palavra “tarrote”, que é como na minha terra natal aprendi a dizer pardal. Na singularidade desse património lexical de uma região sinto haver um irreduzível resquício identitário que nem o tempo nem a distância conseguiram apagar.

Palavra puxa palavra, o contador automático de caracteres já acusa, nesta crónica, várias centenas – e tanto ainda por dizer, do que as palavras fazem e deixam fazer... Como pedir, dar, e tirar a palavra; tomar, dirigir e passar a palavra; cortar, e até molhar, a palavra. E também cumprir, para não faltar à palavra. Há quem coma as palavras, e quem as beba, e quem as tenha que engolir. Há gente de poucas palavras, e outros, mais lacónicos ainda, que dizem tudo em duas palavras, quando não nu-ma palavra ou mesmo em meias palavras. Há quem use palavras caras, para esconder palavras vãs. Disso (palavras, leva-as o vento!), diz-se que é palavreado. Mas do seu contrário se diz – e bem – que é certo, porque está apalavrado.

Certa, também – diz-se –, é a morte. Mas dessa lei também a palavra presume libertar, como defenderam tantos poetas e outros palavreadores. Por outras palavras, dizem que as palavras são tudo o que temos para contrapor à morte e ao silêncio – que assim não terão a última palavra.

* Faculdade de Letras da UC



R E T R A T O
D E C O R P O
I N T E I R O

Boaventura de Sousa Santos: Coleção em forma de cruz

São sobretudo crucificados os Cristos que, numa casa beirã, ocupam em exclusivo a divisão que foi construída para os albergar. Mas também os há no presépio, acompanhados, ou sozinhos, já meninos. Numerados até ao 470, serão já praticamente 500, mas a contabilização é difícil de fazer por causa da variedade dos géneros. Isto sem contar com um canto de diabos, mas esses não fazem parte desta história... Estamos de olhos nos Cristos que falam de sítios, épocas, sociedades e

histórias pela boca do homem que há mais de 40 anos os coleciona e nos abriu as portas deste santuário dessacralizado – Boaventura de Sousa Santos.

R:L *Não é possível evitar a pergunta óbvia de uma entrevista sobre uma coleção: como é que tudo começou?*

B.S.S. Eu acho que quando abandonei a religião comecei a colecioná-la. Eu fui líder estudantil no movimento católico em

Coimbra. Formei-me em 1963 e, até então, procurámos fazer uma coisa que não foi possível fazer, que era democratizar o CADC. Mas não tínhamos apoio da hierarquia e eu, como muitos outros, acabámos por abandonar a Igreja, a religião. Depois estive em Berlim dois anos e quando regresssei de Berlim Ocidental vim para a Faculdade de Direito como assistente. Nessa altura comecei a colecionar. Por isso é que eu digo: abandonei e depois comecei a colecionar.



R·L *Era uma maneira de fazer a necessária catarse?*

B.S.S. Não sei. Até agora não fiz nenhuma análise, muito menos freudiana, porque eu não sou freudiano. Acho que há aqui uma coincidência interessante. Não se é impunemente membro e militante e crente numa religião como eu fui durante tantos anos...

Não tive nenhuma rejeição a esta iconografia, pelo contrário, achei que havia um princípio de beleza muito grande e também um princípio de sociedade aqui, porque são Cristos diferentes, de diferentes regiões do mundo, de Portugal. Portanto, naquela altura, em Portugal, ninguém ligava absolutamente nada a isto. Havia dois colecionadores (que eu sei-ba... é provável que houvesse outros) – um era eu e outro era o José Régio, que tinha em Portalegre um museu com os santos que ele colecionava, e eu comecei a colecionar só Cristos.

R·L *Cristos, mas nem só crucificados...*

B.S.S. Não, não, de todo o tipo. Mas, na grande maioria, são Cristos crucificados, porque é onde a iconografia é dominante. Havia um importante antiquário ali em Condeixa [eu comprava muito aos antiquários] que me telefonava sempre que havia novos Cristos.

Normalmente vinham do norte, muitas vezes eram ciganos que trocavam por peças de pano e mobílias [toda a gente naquela altura queria mobílias, era a loucura das mobílias do século XVII]. De maneira que eu comprava coisas que hoje são muito valiosas a um preço baixíssimo, porque ninguém se interessava muito por isto. Deixavam em Condeixa os Cristos, porque havia um colecionador que era eu, e os outros santos levavam para o José Régio. E se ninguém ficasse com eles em Portugal, iam vendê-los a Espanha. Perto de Borba também havia um bom colecionador de Cristos, mas acho que ele depois se desfez da coleção, ou vendeu.

R·L *Então a sua, nesta altura, deve ser a maior do país...e devidamente catalogada, suponho.*

B.S.S. Não sei se há outras... esta está classificada, fotografada... O padre Nunes Pereira, um grande artista, xilografador, que morreu recentemente, foi um homem que me ajudou a classificar alguns Cristos. Tenho aqui peças dos séculos XVI, XVII, XVIII...

R·L *Qual é a peça mais antiga que tem na coleção?*

B.S.S. É do séc. XVI, uma fuga para o Egito em baixo relevo. E depois são muitos do séc.

XVIII, do séc. XIX. Imagina-se que um deles seja anterior; um Cristo que pode ser do séc. XIV, que veio do Algarve. Vê-se que foi repintado, porque só a partir do séc. XVIII é que o Cristo começa a sofrer: Até ao séc. XVII era divino e, como tal, não era um ser com sofrimento. Se olharmos para os Cristos dos séculos XII, XIII, mesmo séc. XIV, são Cristos sorridentes e até luminosos. Só depois é que ficam como humanos, a sofrer, e nessa altura são muitos deles repintados para aumentar a expressão de sofrimento. Normalmente, a gente distingue-os por vários aspectos: a posição dos pés e sobretudo pelo pano que cobre as partes de Jesus Cristo, dado que foi um elemento que sofreu várias alterações ao longo do tempo. No séc. XVIII faziam-se Cristos com traços romanos muito fortes, o pano era uma túnica romana. Depois os panos vão começando a subir. Nos Cristos do séc. XIII, o pano chega quase até aos joelhos e depois não pára de subir. Misturadas, tenho algumas peças de artesanato que fui colecionando.

R·L *Até porque as pessoas, sabendo desta coleção, lhe devem fazer algumas ofertas.*

B.S.S. Algumas vezes sim. Por exemplo, um amigo que faz investigação em África e



traz-me um Cristo Yoruba, porque o encontrou; outros que estão no Brasil e trazem oratórios. Os cangaceiros e todos os que, no sertão, andam muito a cavalo, têm os seus oratórios portáteis, que levam no cavalo. Também tenho Cristos do México, já com toda uma componente índia, completamente coloridos. É uma transgressão à iconografia ocidental, porque é só a cara. Há aqui Cristos que os mineiros, na América Latina, ofereciam quando andavam nas minas e se salvavam de um desastre, de uma qualquer derrocada dentro da mina. Eles salvavam-se e faziam ex votos que eram imagens de Cristo. Também aqui estão Cristos de palha índios.

O grande valor dos Cristos muitas vezes assenta em características pouco conhecidas: o tipo de pau, as peanhas, a posição do Cristo (tenho aqui um deitado, muito raro, porque normalmente aparece crucificado, do séc. XVIII). Também são valiosos os Cristos com os braços para cima.

R·L *Mas tem também aqui peças que fogem completamente dos cânones, pelos menos daqueles a que por cá estamos habituados...*

B.S.S. Tenho aqui uma zona que é do *kitsch*, porque o Cristo tem sido também objecto de todo o *kitsch*. Aqui está "La mano todopoderosa", que foi comprada em Harlem, em Manhattan, das religiões afro-caribenhas, que têm a mistura dos santos do voodoo, da igreja católica, do candomblé. Há também hologramas, os Cristos dos italianos de Nova Iorque com as velas para quando morrem os seus queridos.

R·L *Kitsch à parte, a maior parte destas peças deve ter estado em Igrejas.*

B.S.S. Onde estavam, não sei. Mas a dada altura, muitas peças de igrejas particulares

foram vendidas. Mas também aqui estão peças de artesanato, como este presépio feito pelas mulheres que fazem os palitos de Lorvão. Estes são da Venezuela, do Peru, de Moçambique. Tenho também da Rosa Ramalho, a *Última Ceia*, vários Cristos da colecção dela. Fez vários de propósito para mim, um Cristo negro, por exemplo. Está aqui uma peça que eu trouxe do Nordeste do Brasil, muito sincrética, que à frente tem o Novo Testamento e atrás o Velho Testamento. E no Novo Testamento está a Nossa Senhora, mas vestida de lemanjá. Aproveitou todo o espaço para colocar figuras, santos, Jesus em várias situações, o sudário.

R·L

A sua colecção permite-lhe também fazer o retrato sociológico dos locais de onde são provenientes as peças?

B.S.S. Absolutamente. Agora estou a fazer trabalho em África e, de facto, as formas de representação são completamente distintas. Apesar de serem igualmente realistas.

R·L *Tere de se especializar também nos cuidados que há que prestar a estas peças?*

B.S.S. Tive de estudar um bocado. Porque tenho de tratar dos materiais, das roupas, periodicamente, com detergentes especiais. Mas ainda hoje o melhor tratamento para a madeira é em petróleo. Põem-se os Cristos numa tina com petróleo, deixam-se ficar imersos e depois têm de secar ao ar. Também há outros produtos, mas o menos tóxico e o melhor para a conservação continua a ser o petróleo. Este tratamento deve ser feito de três em três anos.

R·L *E nesse estudo foi também descobrindo como reconhecer as características dos Cristos que os diferenciam.*

B.S.S. Sim, são sobretudo os detalhes. Chama-se a isto o "método indiciário". Há um grande historiador italiano, Carlo Ginzburg, que usa na história o método indiciário. Eu também o uso na Sociologia. No fundo, é olharmos a autenticidade de uma obra, não pelas coisas mais aparentes ou mais presentes, mas pelos pequenos detalhes. O método indiciário na história da Arte foi inventado no final do séc. XIX por um historiador chamado Morelli, que começou a ver que a melhor maneira de identificar quadros cuja autoria era disputada, era não olhar para a obra no seu conjunto, mas para os pequenos detalhes. Por exemplo, como é que se pintavam as unhas, como é que estavam as orelhas. Porque como havia convenções de escola, era nos pequenos pormenores que os artistas se libertavam mais, porque aí não entravam as convenções. São os detalhes das mãos, do cabelo, das orelhas.

R·L *Não sente tentação, no meio de tantos ícones, de rezar aqui, de vez em quando?*

B.S.S. Não. Nunca tive essa tentação. E acho que se a tivesse, não era aqui. Isto é demasiado familiar para mim, porque eu conheço as peças. Venho de um sítio qualquer e trago uma peça e vou juntando. Claro que já trouxe muito mais do que agora, porque os preços agora são impraticáveis. Alguns deles comprei a um e não venderia agora a cem mil. Isto deitava-se fora. Ainda comprei muitos depois do 25 de Abril, porque então as pessoas não queriam saber de coisas de religião para nada.

R·L *É um lugar, então, perfeitamente dessacralizado?*

B.S.S. É um lugar de arte. De arte popular, de arte erudita, mas é lugar para onde eu olho como uma colecção de arte sacra. Esta

tem a característica de ser uma coleção muito pessoal, porque foram todos comprados por mim, tirando os que me ofereceram. Houve períodos em que a compra foi menos pessoal, sobretudo ali a seguir ao 25 de Abril. Chegou a telefonar-me o antiquário de Condeixa a dizer que tinha uma carrinha cheia de Cristos. Eu cheguei a comprar uma carrinha por atacado. Olhei, vi meia dúzia de peças que safavam a coleção e comprei.

R•L *Quando fala dos seus Cristos, fala como se fossem pessoas vivas. São praticamente parte da família?*

B.S.S. Alguns são muito lúdicos... os meus filhos foram criados no meio dos Cristos.

Quando eles eram pequenos viviam numa casa e eles [Cristos] estavam por todo o lado, nos corredores onde eles andavam de triciclo, andavam sempre a bater nos Cristos. Acho que nem por isso nenhum deles ficou muito religioso...levaram uma dose muito forte! Mas nunca tiveram rejeição.

R•L *Além do investimento na compra dos Cristos, sente-se também um enorme investimento em tempo...*

B.S.S. Sim. Era o meu tempo livre. Nunca fiz férias na vida, não sei o que isso é. Eram tempos livres para ir ver, aqui e acolá. Lá ia de carro, estrada fora, muitas vezes vinha toda a gente torcida no carro para o Cristo caber lá.

Aliás devo dizer que tive muita pena de os segregar neste "condomínio fechado", porque acho que eles estavam muito melhor no meio da família e a gente ao lado deles, porque não fazem mal nenhum, antes pelo contrário. Só que eram muitos e realmente depois ocupavam muito espaço. Quando fiz o acrescento desta casa, arranjei este espaço só para eles.

Entrevista de CLARA ALMEIDA SANTOS



Ficam a faltar a este *Retrato de Corpo* Inteiro as descrições próprias da visita guiada à coleção. Para tentar minimizar esta falha decorrente da desproporção entre o número de Cristos e o número de caracteres permitidos apresentam-se sete olhares (indício propositado da plenitude) sobre algumas peças que Boaventura de Sousa Santos destacou durante a conversa.

Este é o "Jésus del Perdón", do México, está vestido, eu tenho a roupa dele, é um Cristo que ia nas procissões.

Está aqui um menino Jesus de Limoges, do séc. XVIII, que é uma das melhores peças que tenho aqui.

Este é de uma célebre tradição e de uma casa criada em Aljustrel de construção de Cristos, tem uma configuração muito própria, são Cristos fortes, encorpados. Eram Cristos que tinham a sua própria característica.

Esta fuga para o Egipto em baixo-relevo é uma peça belíssima que, de acordo com o padre Nunes Pereira, deve ser do séc. XV ou XVI.

Há aqui um canto de religiões orientais, com deuses chineses, budas, coisas que oferecem às divindades. A certa altura fui fazer um trabalho a Macau e aí comecei a gostar destas peças.

Esta imitação do sudário foi trazida das procissões de Braga.

Este é um dos Cristos mais valiosos que tenho aqui, que também se calcula que seja do séc. XVI, é um Cristo muito risonho, que está a olhar para o Pai, onde não se vislumbra sofrimento. O sangue pintado é pintado por cima, posterior. Sabe-se que deve ser desse período pela inscrição superior da cruz.

Ângela Canez

B, a, ba

afabeto bi cu morfemas di arfá sintético
 ni transfiguraçon di laude séco,
 vungu çá ni lóbulu di ã caserna txoco
 spíga di grafia
 contla visita acustica sê paladelo
 cu espantallo di visón
 limpá tón acílico antê cliaçon
 di pecadó cu lenhadô ná concê fá
 ni cloçon dê, sítole s'ca batê
 sufixo culo mó canal béto
 cu lentxi patxidu
 tlicêlo mito quentxi muntu
 enteada plêmê gáio di letla cu passá
 ni charco d'ôtlô d'inem legado bofi, sê tlomento
 Carpindela di tacto sudo
 ni liba liba achado di aqueduto e sustentaçon
 di tudu voje cé
 pali xadleze quentxi lumá di tudu nóduo
 cu dá cala ôtlô cala
 tudu contadó di stória
 lexo tê fumun tunica di espaço fissado.
 zaó, cuá di clavón cá bi cu loda di fé insígnia glitá, tudu sudu.
 ni baçu, vungu s'ca bi mó espaldar
 simuladu, leve leve antê sintaxe di anción costumadu
 cu papagué.
 Antê diaflagma cu tinta ni casca bóca
 (síntise di espatilho gastu)
 Cáucaso – cá fé nón cá bóca

alfabeto

levara os morfemas de arfar sintético na transfiguração
 de laudes enxutas
 uma cantoria a permanência dos lóbulos na
 caserna miúda, espigas de grafia
 contra a visita acústica desamparada
 sob o espantallo de visões
 o decair do tom acrílico até a criação
 do habitante que
 lenhadores já não reconhecem.
 De dentro a sístole esbate o sufixo
 escuro como um canal forrado a lentes fusas
 e terceiro mito sobreaquecido
 no estendal de febre. As enteadas com os galhos
 fráscicos apertados no charco de aparas
 enlaçadas ao sossego
 assim meio enlaçadas à surdez.
 Carpindeiras. De tacto inaudível rente ao achado
 dos aquedutos e o sustento dos falantes
 cria o xadrez sobreaquecido dos nóduos
 com que permutam a face. Para o contador de histórias
 o lexo fumege as
 túnicas do espaço selado. Depois o carvoeiro
 traz a roda de fazer a insígnia gritar a os surdos.
 debaixo, o som vem igual aos espaldares
 oclusivos sonâmbulos até à sintaxe de anciões calejados entre o
 plágio.
 Mesmo o diafragma com tinta nos lábios
 (síntese de espatilhos gastos)
 O Cáucaso – fazem-nos calar

Guerra

Sodé s'ca lovossó
Camiã di luta
Tudu funcá funcá
Mó di n'guê cu s'ca patiná
Ni çón cu glagantxi
Tudu inem di clôpô vlegadu ni fila
Cu cadela liba cala d'ôtlô

Sodé s'ca glitá
AGON
OPRESSON
Sodé s'ca glitá...glitá...

Sodé cu sodé
S'ca sêbê di ingunto di sodé, di sodé sê vida
Ni silêncio di motxi

Sodé válá tudu flontela ...
Sê cabeça, sê sentxidu
Sodé s'ca glitá AGON
Sodé s'ca glitá... glitá.....
Mano ê, tê fôça cu cloçón!

A Guerra

Os soldados percorrendo
o anagrama de luta
e intimidade como se
patinhassem o chão de gargantas
alinhadas de cara no cu da frente

Esses soldados empunhando
palavras como magnetos
na boca AGON
na boca OPRESSÃO

Os soldados outros
provendo unguentos
ao silêncio gangrenado
Esses soldados mastigando
tantas fronteiras
na boca AGON
na boca RESISTIR é FAZER
FAZER e FAZER

Liliana Vasquez

Traduções de
Osvaldo da Gama Afonso
[Crioulo de S. Tomé]

No âmbito da *Criação Literária*,
propomos a fruição de 3 poemas
crioulos (e respectiva tradução)
apresentados pelo Curso Livre
da Oficina de Poesia da FLUC,
na VII Semana Cultural da UC
que teve lugar em Março deste ano,
propondo o tema do “Abraço Lusófono”.

A *Rua Larga* agradece ao
Grupo de Estudos Anglo-Americanos
da Faculdade de Letras.

Conceição Riachos

Olga s'ca labá scadadi mé mé ké di poçón
Cu ê ná concê fá
Neve s'ca kiê ni Kiev
N'flá, bô flá, ê flá
Ni quatu sê janela
Neve s'ca kiê ni Kiev
Legalizaçón, papélo, tlabaiio, patlón
Côlê ni matu n'ua djá di verón
Pê ni lissu, balê çón
Neve s'ca kiê ni Kiev
Nón flá, nâncê flá, inem flá
Cu bóca caladu na tê discriminaçón
Ami s'ca bá flá, bô s'ca bá flá, ê s'ca bá flá
Nón s'ca bá flá, nâncê s'ca bá flá, inem s'ca bá flá
Neve s'ca kiê ni Kiev

Olga lava a escada da torre maior da cidade
que não conhece
e a neve a cair em Kiev
eu falo, tu falas, ela fala no quarto sem janela
e neve a cair em Kiev
legalização, papéis, trabalho, patrão
correr pela floresta num dia de verão
e a neve a cair em Kiev
nós falamos, vós falais, eles falam
calada não é discriminada
falarei, falarás, falará, falaremos, falarão
e a neve a cair em Kiev

LUGAR DOS LIVROS

O Governo da Educação em Portugal, 1974-1991. Legitimação e Contingência na Escola Secundária

TÍTULO: O Governo da Educação em Portugal, 1974-1991. Legitimação e Contingência na Escola Secundária

AUTOR: Rui Machado Gomes

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade
Coimbra • 2005

Este livro recoloca a questão da expansão da escola secundária de massas, no período posterior à queda do Estado Novo, a partir do sistema de poder que se costuma identificar com o Estado. Pretende-se voltar ao que a historiografia e a sociografia cunharam como políticas do Estado-educador. Porém, na última década, a análise do Estado tem sido alvo de um movimento de crítica e de profunda renovação

teórica no interior das ciências sociais. Passa-se em revista algumas destas críticas e inovações, salientando as suas potencialidades face a três questões centrais que atravessam o livro: a da heterogeneidade, a da multidimensionalidade e a da posição intermédia dos sistemas educativos no conjunto das várias formas de poder social. Esta incursão permite identificar limites destas abordagens e caminhos possíveis para a elaboração de uma alternativa nos termos da governamentalidade da escola. A proposta teórica que se apresenta traduz-se na utilização das virtualidades dos métodos arqueológico e genealógico propostos por Foucault.

O livro tem como âmbito de análise o ensino secundário, mas não tem a ambição de fazer a história exaustiva do ensino secundário para o período de 1974-1991. Opta-se por um percurso simultaneamente mais modesto e mais exigente, porque o ensino secundário é usado como campo de observação para um objecto de estudo situado em outro lugar: as tecnologias e as racionalidades que presidem à legitimação e à contingência do seu governo.

Espectroscopias Vibracional e Electrónica

TÍTULO: Espectroscopias Vibracional e Electrónica

AUTORES: António Rocha Gonçalves, Elisa Serra, Marta Piñero

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade
Coimbra • 2005

Este livro procura dar uma visão introdutória, fundamentada e actualizada dos métodos espectroscópicos que utilizam radiação electromagnética das regiões

ultravioleta, visível e infravermelha com utilização de luz normal e luz polarizada, que permitem obter informações extremamente importantes sobre as estruturas moleculares, incluindo informação esteoquímica e quantitativa. Estes métodos espectroscópicos são os mais clássicos, mas as novas tecnologias e o desenvolvimento da aplicação de métodos matemáticos trouxeram actualizações importantíssimas e um rejuvenescimento a estes

métodos clássicos que os mantém como ferramentas indispensáveis do moderno laboratório químico.

Pretende-se, com esta publicação, que os diversos interessados nestas metodologias que não são especialistas de espectroscopia disponham de uma forma acessível de conhecimento dos fundamentos dos métodos que aplicam.

O Poder Local em Tempos de Globalização

TÍTULO: O Poder Local em Tempos de Globalização

COORD.: Fernando Taveira da Fonseca

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade
Coimbra • 2005

Reúnem-se neste volume os contributos de diversos especialistas – historiadores, sociólogos e personalidades políticas – expressamente convidados a reflectir, em reunião científica, sobre as implicações do fenómeno da globalização na vida e no

exercício do Poder, no seio das comunidades locais. Caracterizando-se por uma extraordinária intensificação das interacções económicas, sociais, políticas e culturais, derivada da revolução nas tecnologias da informação e da comunicação, pela quase eliminação das fronteiras, no que respeita à produção, à finança e à mobilidade de pessoas, e pelo acentuar das desigualdades sociais, a globalização traz também consigo a reafirmação dos particularismos, das identi-

dades étnicas e religiosas, das diversidades regionais e locais.

O conjunto de estudos que agora se publica pretende ser um contributo para a tomada de consciência dos desafios que se colocam às comunidades locais no que toca à gestão dos seus recursos, à preservação da sua identidade e ao reforço da sua coesão interna, num contexto de abertura ao mundo e de inteligente aproveitamento das múltiplas potencialidades que ela traz consigo.

A Cidade na Literatura de Expressão Alemã

TÍTULO: A Cidade na Literatura de Expressão Alemã
Cadernos do CIEG • N.º 14
COORD.: Ludwig Scheidl
EDIÇÃO: CIEG, MinervaCoimbra
Coimbra • 2005

A direcção do Instituto de Estudos Alemães decidiu retomar os ciclos de conferências dirigidos em especial aos seus alunos como forma de valorizar e complementar a sua formação. O CIEG (Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos) aceitou a proposta de incluir nas publicações regulares do Centro - *cadernos do cie* - as referidas palestras, de forma a preservar para todos os interessados a apresentação de temas diversificados, ainda que subordinados à

temática do ciclo - *A Cidade na Literatura de Expressão Alemã*.

O ciclo decorreu de 18 de Fevereiro a 12 de Março de 2004 e a publicação dos textos segue a sua ordem de apresentação: "A cidade de Lisboa como texto em romances de Thomas Mann e de Hanns-Josef Ortheil" (Rogério Madeira); "A cidade de Viena no romance de Arthur Schnitzler *Der Weg ins Freie* (Ludwig Scheidl); "No limiar do Expressionismo. *Irmelin Rose. Die Mythe der grossen Stadt* [*Irmelin Rose. O mito da grande cidade*] (1914) de Robert Müller" (Catarina Martins); "Lisboa não é Vigo. Apontamentos diarísticos de Stefan Zweig" (Maria de Fátima Gil); "Veneza na novela de Thomas Mann *Der Tod in Venedig* e no romance *Im Licht der*

Lagune de Hanns-Josef Ortheil" (Maria Teresa Delgado Mingocho).

Três dos estudos inserem-se em projectos de investigação do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG), Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação (POCTI), do Quadro Comunitário de Apoio III.

(Adaptado da "Nota Prévia" de *cadernos do cie* 14)

Nomes Predicativos em Português e em Alemão. Os Nomes Predicativos em Construções com Verbo-Suporte Preposicionados do Português e do Alemão

TÍTULO: Nomes Predicativos em Português e em Alemão. Os Nomes Predicativos em Construções com Verbo-Suporte Preposicionados do Português e do Alemão
Cadernos do CIEG • N.º 15
AUTORA: Maria Francisca Mendes Queiróz-Pinto de Athayde
EDIÇÃO: CIEG, MinervaCoimbra
Coimbra • 2005

De acordo com a introdução deste número dos *cadernos do cie*, a autora propõe-se, neste estudo, "levar a cabo uma análise da estrutura semântica dos constituintes nominais que desempenham, em construções com verbos-suporte ("Funktionsverbgefüge") preposiciona-

das do Português e do Alemão, uma função predicativa. (...)

Pese embora o carácter convencional da ligação entre o nome predicativo (Npred) e o verbo-suporte (Vsup), e, consequentemente, a imprevisibilidade combinatória de uma tal ligação, é possível encontrar algumas regularidades - isto é, uma motivação semântica - na relação sintagmática entre os componentes de uma CVsup. (...)

A tentativa de descrição semântica dos Npred que aqui se apresenta pretende, pois, ser um contributo para essa descoberta de regularidades combinatórias, no seio de expressões parcialmente "arbitrárias", atenuando, dentro dos limites que a fixação impõe, o seu estatuto de "idioms of encoding" (idiomatismos de codifi-

cação); por outras palavras, fornecer informação sobre regularidades de ocorrência entre subclasses de Npred e de Vsup - bem como qualquer tipo de informação relativa ao comportamento colocacional das uni-dades linguísticas, em geral - facilitará a produção linguística dos falantes/aprendentes estrangeiros, podendo, pois, constituir um contributo para a Didáctica das línguas (sobretudo das línguas estran-geiras), para a Lexicografia (monolíngue e bilingue), bem como para o processamento automático das línguas naturais e para a Tradução."

O U T U B R O

19
 • Concerto de Abertura Solene das Aulas na UC
Festival de Música de Coimbra
 Capela de S. Miguel, 21h30

20 e 21
 • **Luigi Pirandello e a recepção da sua obra em Portugal**
Terceiro Encontro de Italianística
 FLUC

21
 • **200 anos da morte de Bocage**
 Conferências por Ivo Castro e José Carlos Seabra Pereira
 FLUC

22
 • **Colóquio de Encerramento**
 80 Anos do Instituto de Estudos Alemães
 FLUC

22
 • **Orquestra da Brigada Ligeira de Intervenção**
Festival de Música de Coimbra
 TAGV, 21h30

25 e 26
 • **Putas de Vida**
 Companhia Bonifrates
 TAGV, 21h30

27
 • **Animator**
 Kimmo Pohjonen
 TAGV, 21h30

• **Recital de canto e piano**
 Biblioteca Joanina, 21h30

27 e 28
 • **SPQ-ANALÍTICA'05**
 Encontro da Sociedade Portuguesa de Química – Divisão de Química Analítica
 Hotel D. Luís, 10h30

• **Génese e Consolidação da Ideia de Europa no Mundo Helenístico**
Congresso Internacional
 FLUC

28
 • **O Dia da Alemanha**
 80 anos do Instituto de Estudos Alemães
 FLUC

29
 • **Concerto de piano**
 Takada Masataka
Festival de Música de Coimbra
 TAGV, 21h30

30
 • **As sementes do Fado**
 Ensemble Barroco do Chiado e Ricardo Rocha
Festival de Música de Coimbra
 TAGV, 21h30

31
 • **Fall Tour**
 David Binney
Festival de Música de Coimbra
 TAGV, 21h30

N O V E M B R O

2 a 15
 • **Sob o signo do Quixote**
Exposição
 Instituto de Estudos Espanhóis (FLUC)

3 e 4
 • **Ecologia do fogo e recuperação de áreas ardidas**
Curso
 Auditório do DEM - Pólo II

3 a 5
 • **Encontros Internacionais de Jazz (II Parte)**
 TAGV, 21h30

A G E N D A

4 e 5
 • **II Meeting de Patinagem**
 Estádio Universitário
 FCDEF

5
 • **Uma antologia com instalação**
 Gabriela Albergaria
Exposição
 Jardim da Sereia – Círculo de Artes Plásticas

10
 • **Relações literárias hispano-portuguesas no século XX**
Colóquio
 Sala do Centro de Literatura Portuguesa, FLUC

• **“Miserere”, de Francisco Lopes de Macedo e “Miserere”, de José Maurício**
 Coro Misto da UC
 Capela de S. Miguel, 21h30

11
 • **Colóquio Comemorativo do IV Centenário do Quixote**
 Sala do Centro de Literatura Portuguesa, FLUC

11 e 12
 • **Movimentos Sociais, Protesto Público e Cidadania**
Cursos de formação avançada
 CES

12
A Partilha
 Encenação de Miguel Falabella
 TAGV, 21h30

14
Recital de violino e órgão
 Maria João Silva e Paulo Bernardino
Comemorações do centenário de Einstein
 Capela de S. Miguel, 21h30

16
 • **Gato Preto em Terras de Portugal**
 Mesa-redonda e exposição
Centenário de Érico Veríssimo
 Instituto de Estudos Brasileiros, FLUC

18
 • **A situação do Alemão em Portugal**
 O CIEG abre as suas Portas
 FLUC

22
 • **Palavras Cruzadas**
Exposição
 Inst. de Est. Brasileiros - FLUC

19 e 26
 • **EUREKA! Uma viagem pelo Mundo da Física**
Teatro
 Museu de Física (Anfiteatro)

21 a 25
 • **Nozes de cá e de lá**
Visita-ateliê
 Jardim Botânico

22
 • **Recital de canto e piano**
 Filipa Lã e Francisco Monteiro
 Biblioteca Joanina, 21h30

22 e 23
 • **Identidade e Cidadania**
Colóquio Internacional
 Auditório da Reitoria

25 e 26
 • **Educação, Multiculturalismo e Justiça Social**
Cursos de formação avançada
 CES

25 a 27
 • **XI Feira Internacional dos Minerais de Coimbra**

prémio

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PATROCÍNIO DO BANCO SANTANDER-TOTTA
APOIO DO JORNAL DE NOTÍCIAS
EDIÇÃO DE 2006

DESTINATÁRIO DO PRÉMIO:
PERSONALIDADE DE
NACIONALIDADE PORTUGUESA
QUE SE TENHA DISTINGUIDO
POR UMA INTERVENÇÃO
PARTICULARMENTE RELEVANTE
E INOVADORA NAS ÁREAS
DA CULTURA OU DA CIÊNCIA

VALOR DO PRÉMIO:
25 000 EUROS

APRESENTAÇÃO DE CANDIDATURAS:
ATÉ 4 DE NOVEMBRO DE 2005

MAIS INFORMAÇÕES:
http://www.uc.pt/eventos/Premio_Universidade_2006.htm



 Santander Totta

 Jornal de Notícias